
**CADERNO DE
CONTRIBUIÇÃO AO DEBATE
DO 6º ENCONTRO NACIONAL
DE NEGROS E NEGRAS**



II CONGRESSO NACIONAL
DO PARTIDO DOS TRABALHADORES

II CONGRESSO NACIONAL DO PARTIDO DOS TRABALHADORES

O COMBATE AO RACISMO NO PT É OUTRA HISTÓRIA

1 - Conjuntura e perspectiva

1.1 - Internacional: ampliação da violência, da miséria, pobreza, do racismo e dos conflitos étnicos.

"A nova ordem econômica, política e militar capitalista concentra cada vez mais conhecimento, poder e riqueza nos países ricos do Norte (onde também existe desemprego e miséria), ao mesmo tempo que torna insustentáveis às condições de vida da maioria da população do planeta"

A nova situação internacional - I Congresso Nacional do PT - Novembro de 1991

1- Esta era a conjuntura internacional quando da realização do I Congresso Nacional do PT.

2- Atentos a nova onda de racismo no velho mundo, decorrência dos níveis de pobreza dos países do terceiro mundo, a militância anti - racismo anunciava um cenário onde seres humanos cruzavam suas fronteiras em busca de comida e trabalho; uma corrida de famintos do mundo pobre em busca das migalhas do pretense mundo rico, onde ressurgia o velho nacionalismo Europeu.

3- Nesse mundo erguia - se um muro, cimentado pelo racismo e pela intolerância, em defesa do também velho binômio paz e prosperidade (incompatíveis com a "desordem e a irracionalidade" de um outro mundo, de outras cores, línguas, religiões e culturas) em nome do qual o branco europeu sempre explorou, dominou e exterminou outros povos.

4- Neste mesmo cenário um outro muro caía. Com ele desmoronavam os regimes do Leste Europeu e uma grave crise corroía a antiga URSS, atingindo em cascata os países que compunham o bloco do chamado campo

do socialismo real.

5- A mesma militância anti - racismo acusava o simplismo e o reducionismo das análises e defesas deste tipo de socialismo cuja miopia não permitiu a compreensão da importância da questão racial e étnica no processo de transformação em curso naqueles países, presentes na vida dos Ucrânicos, Bálticos, Moldovos, Azerbaidjanos, Armênios, Georgianos e Russos, desde antes da Revolução de 17 até os dias da Perestroika. Um dos fatores fundamentais do desmantelamento do socialismo real e das transformações políticas, econômicas e culturais daqueles países que nele se referenciavam.

6- Se naquele momento, o do I Congresso, esse cenário para alguns de nossos militantes incrédulos se aproximava mais de um roteiro de um filme de ficção, o cenário internacional para o II Congresso apresenta-se ainda mais complexo e incerto.

7- Para não correremos o risco de sermos repetitivos deixamos para outras teses a análise sobre o significado das experiências neoliberais e da globalização econômica e financeira para o presente e o futuro da humanidade.

8- Embora de forma sintética, nosso propósito é o de relacionar as consequências da implantação da ideologia neoliberal com o crescimento do racismo e dos conflitos étnicos, numa conjuntura internacional ainda mais desastrosa para os trabalhadores e as populações pobres do planeta.

9- Nos países da Europa a xenofobia, os discursos e práticas neonazistas vão se ampliando na mesma proporção da ampliação da miséria e da pobreza nas ruas desses países. Recentemente, no ano de 1997, preocupada com essa realidade a União Européia declarou o ano de 1997 como sendo o "Ano Europeu contra o Racismo". Um pouco antes, em 1994, nasceu em Portugal a frente anti-racista.

10- A recente guerra na Iugoslávia demonstrou as consequências do discurso da "limpeza étnica" em Kosovo que garantiu a vitória de Eslobodan Milogovicht nas últimas eleições do país. A ocupação da região por soldados americanos, russos, ingleses, alemães, italianos e franceses, orientados pela OTAN, agravou ainda mais a situação

que aliada aos permanentes conflitos étnicos entre sérvios, bósnios e croatas, transforma aquela parte do mundo em uma também permanente "zona de guerra".

11- Nos Estados Unidos, berço da ideologia neoliberal e do capitalismo financeiro, a situação econômica tem aumentado a pobreza, a fome e a violência entre os afro - americanos. Em contrapartida os lucros dos empresários americanos ganham cifras astronômicas no ranking das grandes fortunas do mundo.

12- A juventude negra americana sem perspectivas de emprego e educação está sendo exterminada, vítima da violência policial, das brigas entre gangues e das drogas.

13- As ações afirmativas, conquistas do movimento negro americano, vem sofrendo um desmonte brutal, reacendendo as situações de discriminações no mercado de trabalho, nas escolas e em outros setores.

14- Diante dessa realidade o combate ao racismo volta a ser uma prioridade dos afroamericanos e estão sendo criadas as condições para uma nova radicalização da luta negra nos Estados Unidos.

15- O Continente Africano, em que pese algumas transformações nas estruturas sociais e políticas de países africanos motivadas pela luta de suas populações diante da colonização européia, está sendo abandonado pelo resto do mundo.

16- Grande parte da população do Continente Africano vive em condições de absoluta pobreza. Na África do Sul, o povo sulafricano conseguiu por um fim ao apartheid e Mandela é considerado o Estadista do Século. Mas as diferenças existentes entre negros e brancos continuam sendo um grave problema para o país e para o próximo século.

17- A ideologia neoliberal e a globalização não consideram o Continente como parte de sua trajetória de crescimento: a África não aparece no mapa da mundialização do Capital

18- Resgatar a esperança para as populações do Continente Africano também é uma tarefa da militância petista. Assim como reacender a solidariedade internacional no combate ao racismo e a preocupação permanente com os conflitos étnicos, deve ser um dos

compromissos de nosso Congresso.

1.2 - Brasil: o neoliberalismo de Fernando Henrique amplia a exclusão e as desigualdades sócio - raciais.

19- "O lugar do Brasil é no primeiro mundo e é para lá que estamos caminhando"

A frase é de Fernando Collor, Presidente do Brasil por ocasião da realização do I Congresso Nacional do PT. Fez parte de um discurso do então Presidente, na última reunião de seu governo em 1990.

20- Expressa a intenção da implantação da ideologia neoliberal através de propostas que defendiam a "modernização" da sociedade brasileira.

21- Nosso I Congresso em suas conclusões se opunha as intenções de Collor e afirmava ser impossível falar em modernização do país sem a garantia de direitos sociais num quadro crescente de concentração de renda e de exploração cujos resultados e consequências conseguimos antever em nosso Congresso.

22- Dando uma salto na história, para o Brasil de 1999, a hegemonia neoliberal esboçada com Collor ganhou força e está sendo implementada por Fernando Henrique Cardoso com o apoio do maior bloco de forças conservadoras articulado na história da política brasileira.

23- A exemplo do item anterior, deixamos para as outras teses o aprofundamento sobre os efeitos da implantação destas políticas na vida e nos caminhos do Brasil e dos brasileiros. Aqui, também, nossa preocupação é a de em poucas palavras discutirmos seus efeitos entre a população negra do país.

24- O Governo de Fernando Henrique Cardoso, ao dar continuidade a aplicação do projeto neoliberal, iniciado no Governo Collor, aprofundou as marcas sociais do racismo brasileiro.

25- Cresce o desemprego particularmente entre os trabalhadores negros; passamos a ocupar o trabalho informal sem nenhuma garantia trabalhista.

26- Um estudo feito pelo Dieese (Departamento Intersindical de Estatísticas Sócio-Econômicas) por solicitação do Inspir (Instituto Interamericano pela Igualdade Racial), dirigido pela

CUT, CGT, Força Sindical, AFL-CIO e ORIT, o Mapa da População Negra no Mercado de Trabalho no Brasil, mostrou que em cinco das seis regiões metropolitanas pesquisadas (Belo Horizonte, Distrito Federal, Porto Alegre, Recife, Salvador, São Paulo), os negros estão com os piores indicadores. Na Grande São Paulo, o rendimento mensal médio em 98 de um branco ocupado (emprego, trabalho informal, bicos esporádicos, etc.) foi o dobro de um negro. Um homem branco ganhou R\$1.188,00. A mulher branca, R\$750,00. O homem negro, R\$601,00. E a mulher negra, R\$399,00

27- O mapa da População Negra no Mercado do Trabalho no Brasil mostra que a taxa de desemprego é maior entre os chefes de família negros do que entre os brancos nas seis regiões metropolitanas pesquisadas. Em Salvador, a taxa de desemprego dos chefes de família negros é de 74,2% superior a dos brancos. A menor diferença está em Recife: 38,8%.

28- O precário sistema de atendimento social público (saúde, educação, previdência e assistência social, moradia popular) está sendo desmantelado e isto afeta diretamente a população negra e pobre.

29- A juventude negra, sem emprego e fora da escola, está sendo dizimada (a exemplo do que ocorre em outras partes do mundo) pela violência policial, marginalidade e envolvimento com as drogas. Levantamento realizado pelo Ouvidoria da Polícia de São Paulo demonstra que a Polícia Militar paulista matou 202 pessoas no período de julho a setembro deste ano. Deste total, 125 eram negras. Ou seja, os negros, na maioria jovens e homens, representam 62% do total das vítimas dos policiais civis e militares (proporção inédita em São Paulo).

30- No campo, as populações negras também são vítimas das ações do latifúndio e da inexistência de uma reforma agrária; as comunidades negras rurais não conseguem implementar seus direitos constitucionais de propriedade da terra onde vivem há longos anos.

31- O governo de FHC, ampliou a exclusão e as desigualdades sócio - raciais em nosso país. Essa constatação fortalece a convicção da impossibilidade de se construir a cidadania dos

negros e negras e de superarmos o racismo nos limites da sociedade brasileira atual.

32- Superar o racismo implica, antes de tudo, garantir condições iguais e dignas de vida para todos e a superação das desigualdades de raça, classe e gênero. Implica em redistribuição radical das riquezas, em redirecionamento dos gastos públicos e das políticas públicas, priorizando a população menos favorecida.

33- Para nós, militantes do Partido dos Trabalhadores implica, principalmente na compreensão de que o combate ao racismo está associado à luta contra o capitalismo e na construção de um projeto político onde a igualdade social e a pluralidade racial sejam pontos centrais

2 - Construção Partidária: combater o racismo é construir o PT.

34- A militância negra no Brasil sempre foi organizadora, como diria o professor Clóvis Moura, "O negro brasileiro foi sempre um organizador". Quando olhamos nossa história ao longo dos pretensos quase 500 anos, verificamos que em todos os momentos, alguma forma de organização, de resistência foi assegurada pela população negra.

35- No período colonial os quilombos apresentaram-se como uma das formas de resistência a escravidão, o suicídio, assassinato de senhores, fugas individuais foram outras tantas formas de negar a condição de escravo. O trabalhador negro não lutava somente pela forma de exploração da sua força de trabalho, mas também e principalmente, para não perder a sua identidade, sentir-se humano era fundamental

36- Nos conta o historiador João José dos Reis, com base em documento datado de 1789, que na fazenda Santana em Ilhéus- BA, os escravos ocuparam a fazenda e permaneceram parados quase dois anos. Mataram o mestre de açúcar e se apossaram das ferramentas. Estes escravos escreveram um Tratado de Paz, documento ímpar na história do escravismo, onde exigiam: A redução da jornada e melhores condições de trabalho; controle das ferramentas do engenho; terreno para as suas hortas; um barco para facilitar a venda em Salvador do exce-

dente de suas plantações; o nome indicado para feitor teria que ser aprovado por eles; e em cada semana que-riam a Sexta e Sábado para trabalharem para si, tirando um desses dias por causa do dia santo. Os líderes do movimento caíram numa cilada armada pelo proprietário do engenho

37- No entanto, iniciativas como esta foram importantes para transformar o regime econômico e social do escravismo, que também contribuiu para o fortalecimento do movimento pelo fim da escravidão em 1888. Fazem parte de uma história de lutas do povo brasileiro que está sendo resgatada pelo Movimento de Resistência Indígena, Negra e Popular - Brasil: Outros 500.

38- Após a abolição e todo o século XX, a realidade vem sendo marcada pela exclusão ou inclusão periférica da população negra em todos os setores organizativos e produtivos da sociedade brasileiras. Estas constatações, sustentam-se nos dados estatísticos alarmantes sobre as oportunidades de inserção no mercado de trabalho, nível de escolaridade, desemprego etc.

39- As causas dessa situação, derivam da realidade do país, das características do racismo à brasileira.

O PT e o Movimento Negro.

40- O Partido dos Trabalhadores, é a expressão político partidária mais importante criada no Brasil contemporâneo. Marca indiscutivelmente um novo modo de fazer política, um novo modo de governar, um novo jeito de construir a democracia; enfim, propõe e constrói a partir de um novo método de participação, um Projeto de Nação, onde o pressuposto básico e a inclusão dos excluídos.

41- Essa trajetória que está marcando os vinte anos de PT, marca também, a trajetória e o ressurgimento praticamente de todos os movimentos sociais vivos e atuantes na atualidade. Com isso posto, não é possível fazer um balanço consequente dessa trajetória de 20 anos sem que a relação partido e os movimentos sociais esteja colocada. E no universo dos movimentos sociais, o movimento negro é peça chave para entender em alguma medida, os avanços, contradições e dificuldades do PT e dos Movimentos

Sociais.

42- A População Negra no Brasil, representa 45,06% (IBGE), tem uma participação na força de trabalho, na maioria das regiões, acima da média da população não negra, embora trabalhe mais, receba menos, e tenha menor mobilidade, cruza toda vida social, cultural, religiosa e econômica do país.

43- Tem participado de todos os movimentos sociais organizados. No entanto, continua marginalizada, invisibilizada e com tímida presença de representação nos movimentos e no partido. Não trata-se mais de perguntar qual a participação da militância negra nos movimentos, mas sim, qual a política que os movimentos e o partido desenvolvem que dificulta a visibilidade da militância negra.

44- O Movimento Negro dos finais da década de 70 e o PT, são construídos num mesmo momento conjuntural do país, impulsionados por várias iniciativas de contestação política, seja contra a ditadura militar, a situação econômica, o arrocho salarial, por eleições diretas, contra a violência policial e tantos outros temas em pauta naquela conjuntura.

45- A militante e intelectual negra Lélia Gonzales (que integrou o primeiro Diretório Nacional de nosso Partido) afirmava que um militante negro para ser consequente na sua luta política, precisa estar militando na esquerda. Embora a contradição do debate sobre raça e classe, em especial no Brasil, confunda liberais, socialistas e comunistas, de fato, uma parcela considerável dos militantes negros está na esquerda, ou tem uma concepção que busca a transformação social como ponto de partida

46- Os liberais acreditam que o mercado/consumo resolve as diferenças raciais existentes, mesmo numa escalada crescente da pobreza e desigualdades. Por outro lado, para uma grande maioria de socialistas e comunistas, a questão é somente de classe.

47- As negras e negros militantes do PT, não podem abrir mão da centralidade de discussão de raça combinada com a questão de classe. Se o fizerem, seguramente igualam-se a quem discute somente o papel da classe social, entendendo que, mesmo assim, as colocações e compreensão

do conceito de classe, apresenta-se de forma muito limitada para uma leitura da sociedade brasileira.

48- O Movimento Negro contemporâneo, nos últimos 30 anos, denuncia a violência policial, a arbitrariedade, a ditadura, mas afirma que o racismo no Brasil é estrutural e que está inculcado na formação, no pensamento e no cotidiano das práticas sociais. E que, portanto, o desenvolvimento econômico, as políticas educacionais, as políticas públicas no geral desenvolvidas nestas bases; são excludentes e eivadas de discriminação racial

49- Entendemos que esse era e continua sendo um dos pontos para o partido desenvolver a sua ação partidária. Não revolucionamos e nem transformamos nada, sem que quebre-mos as bases dos pontos que nos impedem a realização dessas profundas transformações, quando diante não sabemos, que a cultura política no Brasil, é em grande medida oligárquica, racista, e machista. Nesta dimensão, explica-se a concentração de renda e as profundas desigualdades em nosso país.

50- Ao longo das trajetórias do Movimento Negro e do PT, é importante observar que o Movimento Negro construiu militantes e quadros para o Partido. No entanto, somente nos últimos cinco ou seis anos é que inicia-se o desenvolvimento de algumas propostas que já estavam colocadas desde a fundação do partido, colocadas pela militância negra que organizava-se nos estados a partir da formação das e núcleos de negros do PT.

51- É fundamental neste II Congresso, que o Partido aprove políticas que alcancem as dimensões da luta de combate ao racismo.

O Combate ao Racismo na Atualidade e o Papel do PT.

52- A subordinação do governo brasileiro ao capital internacional, exige ainda mais do PT: a compreensão política de quem paga mais caro por esta conta. Os indicadores sociais e econômicos apontam para negros e mulheres, como sendo os que enfrentam um maior número de demissões e menores salários; na faixa da linha de pobreza as famílias negras representam um maior número.

53- A direita anda de lupa procurando encontrar nos últimos tempos uma denominada classe média negra, que representaria em torno de 7 milhões de pessoas. Ora a população negra representa no Brasil, em torno de 80 milhões, a pergunta é onde estão os outros 73 milhões ?

54- Todos sabem que estão nas camadas mais pobres da sociedade, representam o maior contingente de miseráveis, somam o maior número de meninos e meninas na rua; são os que em geral não acessam as políticas públicas. Por esses motivos é que o Brasil encontra-se com índices diferenciados à nível de desenvolvimento humano, quando comparamos negros e não negros (a ONU em 1996, classificou o Brasil na 63ª. posição; quando os mesmos dados são trabalhados com a população negra o índice sobe para 121ª..).

55- Mesmo com todas essas indiscutíveis evidências das desigualdades que afetam a população negra, que é produto da discriminação racial e do racismo, o PT ainda não tem uma política nacional que envolva o conjunto da estrutura do partido para atacar essa questão central. Entretanto, na atualidade, o PT ainda é o único partido capaz de construir um projeto de nação que seduza o conjunto dos sujeitos políticos do campo democrático e popular, e é neste universo que estão as principais organizações e lideranças do Movimento Negro.

56- Aprendemos no marxismo, enquanto uma teoria econômica social e política, a importância de compreendermos a realidade, de tê-la com o base indispensável para a construção teórica e de ação política. Então, o que representa para nós petistas negros e brancos, mulheres e homens este Brasil que ruma para os 500 anos, com que cara?

57- Com base nessas indagações afirmamos que o papel do PT no combate ao racismo, neste cenário de final de século, é o de avançar numa política de construção partidária que fortaleça o movimento negro, amplie suas alianças e enraizamento visando a superação das desigualdades sócio-raciais de nosso país. Que nas eleições para 2000 e 2002, expresse nitidamente o compromisso com uma política anti-racista e de apoio a candida-

turas negras,. Que desenvolva propostas de políticas públicas de superação e combate ao racismo para os Estados onde governa e para prefeituras, câmaras de vereadores, assembleias legislativas e congresso nacional onde se faz presente.

58- Este "gesto" não pode ser pontual, mas sim, uma política de construção partidária.

A Secretaria Nacional de Combate ao Racismo e o PT.

59- Os partidos políticos, as centrais sindicais e tantas outras macro organizações, não representam e nem substituem o movimento negro. Embora isso pareça óbvio, deve ser tema de permanente atenção para a militância negra. E esse conflito, essa tensão e notória para a grande maioria dos militantes negros, por que em geral somos militantes do Movimento Negro no partido, e não, uma militância organizada e construída pelo próprio partido.

60- Reside aí, uma das tarefas da SNCR, o investimento na formação. A iniciativa feita com juventude negra e anti-racista inaugura uma fase importante da formação partidária. O outro aspecto é a chamada formação de "quadros", este é uma investimento fundamental para a construção das políticas de combate ao racismo nos estados.

61- Definitivamente as Secretarias Estaduais de Combate ao Racismo não acontecem por "decretos" bem intencionados das direções. São os setoriais bem construídos que podem impulsionar a existência destas Secretarias. A fragilidade das Secretarias Estaduais construídas apenas a partir das disputas e interesses intra-correntes, e não pela construção da luta anti-racismo, são demonstrações explícitas dessa constatação.

62- A Secretaria Nacional é um instrumento para construção de políticas dentro e fora do partido. O seu ápice enquanto instrumento de política partidária será quando suas propostas se confundirem com o próprio partido. O fato do partido criar uma secretaria, não significa assumir integralmente uma política nacional de combate ao racismo e todas as suas consequências.

63- Os avanços da SNCR, das Secreta-

rias Estaduais, bem como das Comissões Nacionais no Movimento Sindical, estarão muito em sintonia com os avanços do Movimento Negro. Em sendo assim, o Movimento Negro precisa avaliar profundamente suas políticas no mínimo dos últimos vinte anos, ou seja, a década de 80 e 90. O Centenário da "Abolição", a Marcha dos 300 anos de Imortalidade de Zumbi dos Palmares e o Movimento de Resistência Indígena, Negra e Popular - Brasil: outros 500 em curso. Todas as atividades decorrentes desses momentos históricos, precisam ser traduzidos em pontos de avaliação e proposta, para subsidiar e nortear outros instrumentos de combate ao racismo e a discriminação racial que construímos.

64- Neste sentido não podemos confundir a tática com a estratégia. Por exemplo a implementação da Convenção 111, é sem dúvida uma conquista do Movimento Negro e do Movimento Sindical Cutista em particular, pois foi a CUT que formalizou a denúncia a OIT. Mas foi uma organização do movimento negro (Ceert-SP) quem construiu as condições.

65- Outro ponto importante é que independente do que uma força política do PT ou da CUT pense e avalie do governo FHC, a princípio todas são corretamente contra suas políticas. Ainda como exemplo, não podemos confundir a importância e a exigência que devemos ter para que seja implementada a convenção 111 com o GTDEO. Este grupo de trabalho tem enormes dificuldades operacionais e políticas; como toda política de combate ao racismo no Brasil enfrenta, ele é um meio e não o fim para a implementação da convenção. Os sindicatos, as centrais e o movimento negro precisam assumir para si a implementação da convenção, que é contra a discriminação de raça, gênero, sexo e todo tipo de preconceito. A pergunta que devemos fazer é, e se estivesse em processo de implementação por exemplo, a convenção 87 da OIT, que também seria a partir de um grupo tripartite, o tratamento dado seria o mesmo?

66- A Secretaria Nacional de Combate ao Racismo é uma conquista da militância negra petista, Os filiados ou simpatizantes, sabem o que significa

combater o racismo num país que nega a si próprio, que referencia a cultura negra mas nega á população na prática, seus direitos econômicos e políticos.

67- Libertando-nos de nossas "correntes" é importante destacar que todos os instrumentos que construímos historicamente foram e continuaram sendo importantes, e a SNCR, terá ainda, um significado maior se nós negros e negras e todos que combatem o racismo, militando no Partido dos Trabalhadores, acreditarem que a unidade política em torno dessa luta, pode ajudar a construir o nosso partido e um Brasil diferente! Solidário, Negro e Socialista.

3 - O Programa do PT e o combate ao racismo

68- As relações raciais no Brasil são marcadas por indicações que implicam em vantagens para a população branca e desvantagens para a população negra.

69- Desigualdades estas que não podem ser explicadas unicamente pela contradição principal que se estabelece entre os que detêm os meios de produção e os que possuem apenas sua força de trabalho.

70- Outras contradições existem e tem sido expressas pelo movimento negro organizado no Brasil que, a partir da década de 70, ao discutir o racismo enquanto instrumento de exploração de classe consegue dar um novo rumo a luta contra o racismo, o preconceito e a discriminação racial em nosso país. A partir dessa compreensão o movimento negro passa a explicar mais objetivamente porque apesar da industrialização, mobilidade social, urbanização, alcançada pela sociedade brasileira até essa década, essas desigualdades persistem e a denunciar que o racismo atua como um instrumento de dominação social, determinando a participação subordinada de grupos não - brancos na estrutura de poder e riqueza da sociedade.

71- São desenvolvidos então importantes estudos que comprovam a discriminação racial no trabalho; a divisão racial de espaço / moradias; deficiências com recorte racial no atendimento a saúde e a alimentação; uma educação com conteúdos didáticos

racistas; a violência e a exploração contra a mulher negra; meios de comunicação que depreciam a imagem e a auto - estima do negro; a violência policial e o extermínio das crianças e adolescentes negros e negras, etc.

72- Diferentes caminhos e estratégias tem sido utilizadas para a manutenção ou transformação dessa realidade que não consegue ser acobertada devido aos anos de organização e luta da população negra nesses quase 500 anos de Brasil.

73- Historicamente, a estratégia utilizada pelo Estado Brasileiro tem sido a de garantir a manutenção do racismo e a conseqüente exclusão do povo negro dos espaços de desenvolvimento social, econômico, cultural e político. Ao utilizar o racismo como um instrumento de dominação, tenta eliminar a possibilidade de conflito nas relações raciais e esvaziar a explosividade e o conteúdo revolucionário da luta anti - racismo.

74- Em contraposição a militância do movimento negro contemporâneo, em sua maioria organizada no PT desde a sua fundação, tem construído uma outra estratégia, de conteúdo revolucionário (o combate ao racismo é estratégico para a transformação social no Brasil) para a alteração do tratamento das relações raciais e para o combate ao racismo em nosso país.

75- Mesmo considerando as conquistas obtidas - a criação da Secretaria Nacional de Combate ao Racismo é uma delas - o debate e a implementação dessa estratégia não foi incorporada pelo PT nesses quase 20 anos de construção partidária: do manifesto de fundação do Partido ao manifesto do II Congresso ainda são limitados os avanços !

Um debate programático inconcluso: o racismo ainda é considerado uma questão de classe.

76 - "As esquerdas brasileiras, até a década de 1970 não possuíam um discurso de combate ao racismo, mas alegavam que suas propostas contemplavam a população negra; o racismo sendo compreendido como conseqüência da pobreza generalizada dos negros, o que equivale dizer que racismo é uma questão de classe"

Essa constatação faz parte da tese de

uma militante do movimento negro e do PT de São Paulo que assina esse documento e que estudou a postura da esquerda em relação ao combate ao racismo, utilizando documentos políticos das organizações clandestinas que resistiram ao regime militar e os documentos iniciais que permitiram a fundação do Partido dos Trabalhadores.

77- Integra uma crítica da maioria das lideranças Anti-Racismo, do movimento negro contemporâneo e de estudiosos importantes como Florestan Fernandes e Otávio Ianni, que começam a alterar uma visão ortodoxa das esquerdas brasileiras, que nas suas teorias e práticas políticas não consideram a diversidade de nossa realidade, assim como seus aspectos culturais. E que, como exemplo, no tratamento de questões relativas à força de trabalho e emprego, não fazem uma reflexão sobre as condições específicas de inserção da população trabalhadora na estruturação produtiva, considerando fatores como raça/etnia, sexo e idade.

78- Mesmo admitindo avanços na incorporação dessas indagações entre as esquerdas, em especial no Partido dos Trabalhadores, esta pré - tese pretende introduzir o debate visando a intervenção no II Congresso, em torno das estratégias para estas questões ainda compreendidas em nosso partido como Setoriais.

79- Resgatamos, nesse sentido, algumas das afirmações contidas no relatório do IV Encontro Nacional de Negros e Negras do PT, realizado no ano de 1996, que reforçam esse posicionamento:

"Apesar do PT se reivindicar portador de uma nova matriz no complexo universo político da esquerda e na trajetória histórica brasileira, isso não o imuniza diante da ideologia racista hegemônica. Além disso, decorridos mais de quinze anos de experiência petista podemos afirmar a cada dia com maior segurança que, mesmo com elementos diferenciados que dão certa originalidade ao partido, o PT é, sobretudo, continuidade reciclada da tradição de esquerda que reduz as contradições da sociedade ao terreno econômico e enxerga o Brasil com um olhar branco.

O PT, um partido com vocação socialista, interpreta as relações sócio - raciais

como produto das desigualdades da formação social brasileira e incorpora tal interpretação no seu discurso programático, mas não trata esta questão como um eixo básico para a contra-hegemonia na sociedade civil, e sim como uma questão de minoria. Por isso garante uma fatia do poder para os setores "minoritários" caso eles sejam capazes de pressionar para obtê-lo. Essa fatia do poder será viável ao exercício da cidadania do negro, se os militantes negros e negras, tiveram capacidade de acumular força suficiente para se fazer representar nas instâncias de poder. Mas essa alavanca não é impulsionada pelo partido na medida em que a concepção e ação advinda da relação raça e classe é embrionária na sociedade brasileira e tem reflexos no cotidiano de um partido, mesmo sendo ele o PT. O que adia a transformação das desigualdades sócio-raciais brasileiras."

80- Aparentemente, um debate que pode ser incluído no interior de uma alteração de estatuto partidário, ou seja, uma questão organizativa. Entretanto, ao encarar o combate ao racismo e a discriminação como setorial, como tarefa exclusiva dos próprios discriminados e atingidos pelo racismo, o PT comete um equívoco político comum entre as forças de esquerda: qualquer proposta de transformação social não pode prescindir da incorporação dessas realidades consideradas como secundárias, mas como problemas sociais que reivindicam soluções gerais e componentes da totalidade de um projeto de uma nova sociedade.

O combate ao racismo é estratégico na transformação da realidade.

81- Todos esses pontos devem ser somados a uma leitura necessária quanto a crueldade do racismo brasileiro que é fator agravante da condição de trabalho e de vida do povo negro, que representa metade da população brasileira. Que tem se perpetuado ao longo da história de formação do Estado brasileiro - nos 500 anos de "descobrimento" do Brasil é importante lembrar que seu desenvolvimento se deve a quase 400 anos de escravização e de utilização da força de trabalho de negros e negras.

82- A partir da compreensão, mesmo que esquemática, do conjunto das idéias

aqui expostas é que constatamos a absoluta impossibilidade de transformações estruturais na sociedade brasileira sem o tratamento devido da questão racial. Que é impossível a construção da cidadania do povo negro nos limites da sociedade brasileira atual. E que o combate ao racismo é estratégico seja na construção de um novo modelo de desenvolvimento para o Brasil como para pensarmos uma sociedade futura, multirracial, democrática e socialista, como nos ensina o eterno mestre e companheiro Florestan Fernandes em um de seus textos:

"Nunca haverá democracia no Brasil nem será possível a existência de uma república democrática enquanto persistir a desigualdade racial e a discriminação dos negros. Trata-se de uma liberação às avessas: o antigo escravo carrega consigo a solução do dilema número um do Brasil, pois de sua auto-emancipação coletiva depende a autoridade legítima e o próprio destino das antigas camadas senhoriais, dos seus descendentes e sucessores desenraizados da sociedade escravocrata. Voltamos à dialética do senhor e do escravo apontada por Hegel. Ou ambos serão livres, ou a liberdade de um forjará a sujeição do outro, bloqueando o advento da democracia como estilo de vida."

83- Um dilema que está em jogo e que precisa ser resolvido no II Congresso para afirmarmos que o Combate ao racismo no PT é outra história.

84- A história de Palmares; de Dandara e Luiza Mahin; de Luiz Gama, do Negro Cosme, de João Cândido; das Revoltas Negras; dos negros e negras da Frente Negra Brasileira; de Solano Trindade, de Cunha e Correia Leite; de Lélia Gonzales e Beatriz Nascimento; da vitoriosa Marcha contra o racismo, pela igualdade e a vida realizada em 1995, nos 300 anos de Zumbi.

85- Uma história que tem relação e se mistura com a luta dos trabalhadores, das mulheres, da juventude por um outro Brasil!

4 - Políticas públicas de combate ao racismo

4.1 - Política e desigualdades

86- As principais iniciativas legislativas antidiscriminatórias no Congresso

Nacional são encaminhadas por parlamentares ligados ao Partido dos Trabalhadores. O mesmo ocorre nas Câmaras Municipais e Assembleias Legislativas. No entanto, essas iniciativas não são ainda o resultado de um trabalho partidário articulado, uma das metas da SNCR ainda não implementada.

87- Na bancada petista na Câmara Federal, temos procurado encaminhar ações coletivas como forma de contribuir para superar as ações individuais e pulverizadas. Desse esforço de pensar mais coletivamente a questão racial, recentemente, surgiram a Frente Parlamentar Brasil-África, e o projeto de criação de uma Comissão Especial para os 500 anos, voltada especificamente para projetos relativos a negros e índios, segmentos historicamente discriminados. Do mesmo modo são apresentados requerimentos e indicações ao Executivo e parlamentares e por iniciativa de Parlamentares do PT foi realizado um Seminário na Comissão de Economia para discutir relações raciais e desigualdades econômicas.

88- Entretanto, precisamos fazer uma reflexão séria e profunda sobre as dificuldades que encontramos para valorizar a questão racial no campo da política. Essa hesitação só contribui para reforçar injustiças seculares e os mecanismos de exclusão que são terríveis obstáculos à consolidação democrática.

89- Em razão dos esforços do Movimento Negro, o tema vem lenta e progressivamente penetrando nas instituições. O IBGE e IPEA, órgãos oficiais que realizam amplos levantamentos de indicadores sociais e econômicos e assessoram a execução de políticas econômicas, têm documentado em suas pesquisas a persistência de formas de seleção racial. Pode-se mesmo falar em uma consistente base de dados dos mecanismos de produção de desigualdades raciais. No entanto, não se tem notícia da elaboração de programas sociais e políticas econômicas que possam favorecer os afrodescendentes discriminados.

90- A XVII Conferência Nacional da Ordem dos Advogados do Brasil, realizada no início de setembro no Rio de Janeiro, incluiu pela primeira vez o tema "racismo e judiciário". Em dezesseis conferências, portanto, foi

possível abordar temas como cidadania, direitos humanos, exclusão social, sem levar em consideração a opressão racial, os mecanismos que garantem a marginalização dos negros.

91- Pode-se com segurança afirmar que uma sólida tradição ideológica construiu um modo de ver a realidade brasileira que exclui sumariamente a dimensão racial dos segmentos subalternizados. Esse modo tão deformado de apreensão da realidade concreta também integra as dimensões mais profundas e conceituais dos segmentos progressistas.

92- Temos que aprofundar essa discussão se queremos dar centralidade no campo da política ao tema da discriminação racial. Não adianta falar de "políticas públicas", "políticas de ação afirmativa", sem atentar para o fato de que "política" é o núcleo desses sintagmas. Temos avançado pouco na politização do tema, ainda há muito a fazer para que ele seja incluído na agenda dos partidos e dos governos.

93- Seria ingenuidade supor que um tema afastado do debate político e das preocupações partidárias pudesse ser levado em consideração quando da definição de prioridades na elaboração de políticas públicas.

94- O Partido dos Trabalhadores, através da Secretaria Nacional de Combate ao Racismo e da Secretaria Nacional de Assuntos Institucionais - SNAI, por suas características, deve assumir em seu conjunto esses desafios. A superação das desigualdades raciais é condição fundamental para a consolidação de uma sociedade democrática no Brasil.

4 - 2 O modo petista de governar e a questão racial

95- O modo petista de governar tem como principal marca a inovação na implementação de políticas públicas que dizem respeito às variadas formas de atuação do Estado e de seus diferentes Governos, no trato de questões ligadas à vida econômica, social e política de seus cidadãos.

96- Essas inovações tem sido propiciadas pela construção de um novo paradigma de governo onde ao negarmos a centralização do poder em mãos de prefeitos e governadores, negamos o segredo burocrático da arte de go-

vernar. Procuramos colocar em segundo plano o discurso da competência técnica como condição para participação nas decisões e estamos propondo uma nova relação entre Estado e Sociedade, onde a participação dos cidadãos e de suas representações coletivas são concebidas como fundamentais.

97- Entretanto, percebemos que esse acúmulo ainda é insuficiente.

98- Nossos governos, no debate sobre políticas públicas, começam a incorporar a noção de que os grupos de cidadãos não se constituem apenas para a defesa de seus interesses mas se formam também, para a defesa e/ou ampliação de seus direitos, bem como, para a conquista de novos direitos até então inexistentes.

99- Essa preocupação ainda é tímida. É consequência, ainda, da pressão de nossa militância e não foi incorporada no conjunto dos nossos programas e políticas constitutivas do modo petista de governar. Precisam ser transformadas em ações concretas de políticas dirigidas a grupos específicos de jovens, mulheres, negros, portadores de deficiências e indígenas procurando recuperar uma função essencial do Estado que é assegurar a igualdade de oportunidades e de tratamento, ou seja a promoção da igualdade de direitos.

100- Como exemplo, no trato das desigualdades raciais e de gênero, citamos o programa OPORTUNIDADES IGUAIS PARA TODOS, instalado pelo nosso Partido na gestão do Prefeito Patrus Ananias, na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Tornou-se mais uma peça de propaganda. Não teve a sequência desejada e não foi socializada entre nossas prefeituras e atuais governos estaduais.

101- Outras experiências importantes existem mas não ganharam ainda visibilidade no interior do nosso Partido e na sociedade. Como exemplo citamos o fato de que a Conferência Nacional dos Prefeitos, Vices e Secretários, realizada em Brasília nos dias 8 a 10 de Julho, com o objetivo de avaliar nossas experiências de governo, não tenha incluído em seu temário o debate e a socialização de como nossos governos tem tratado estas questões.

102- Temos tido dificuldades na relação com prefeituras importantes que

não tem percebido a importância do tratamento dessas questões em suas ações de governo. Nossos governos estaduais não podem repetir esse equívoco, entendendo apenas a nossa pressão como parte da disputa por cargos ou decorrência de uma visão corporativa da militância anti-racismo.

103- O modo petista de governar vai fazer parte dos debates do II Congresso. Adiantamos o nosso posicionamento: nossos governos não pode ser avaliados somente pela somatória de nossas boas ações na saúde, na educação, no transporte ou pela participação popular na elaboração dos orçamentos. Devem ser avaliados também pelas suas lógicas, pelos seus sentidos e pelo quanto tem contribuído para a construção de uma hegemonia política e cultural nas cidades e estados que administramos.

4.1 - As ações da SNCR e as próximas eleições

104- Um balanço efetuado e publicizado pela SNCR, através do GT Eleições/SNCR, quanto a nossa participação e presença da questão racial negra no processo eleitoral e programático das eleições presidenciais e de governos estaduais de 1998, demonstra que também sofremos as consequências de uma campanha desmobilizada, sem a participação da militância partidária e dos movimentos sociais organizados.

105- Apesar da organização de algumas atividades de campanha, centralizadas e nas regiões, e da produção de uma pequena quantidade de material com o enfoque racial (um dos poucos setores do PT e da União do Povo Muda Brasil que conseguiu produzir e distribuir material específico de campanha) nossa presença foi insignificante na formulação programática e na mobilização eleitoral.

106- Constatamos que erramos em não desenvolver uma campanha pelo voto racial e anti-racismo, nos moldes da campanha "Faça a Coisa Certa" que nos permitiu ter uma visibilidade própria nas eleições municipais para Prefeitos e Vereadores, no ano de 1996.

107- Na perspectiva de conseguirmos saldos positivos nos processos eleitorais futuros (2000 e 2002), o VI Encontro Nacional de Negros e Negras

do PT deve aprovar uma campanha pelo voto racial e anti-racismo. Esta campanha deve estar articulada com a propaganda do que acumulamos na formulação de políticas públicas de combate e superação do racismo através de nossos governos (estaduais e municipais) e das ações de nossos parlamentares (Senadores, Deputados Federais/Estaduais e Vereadores, com um material de campanha unificado nacionalmente, como garantia da mobilização e visibilidade da questão racial negra, visando aproveitar estes momentos para ampliação da luta Anti-Racismo no PT e na sociedade.

Lista de assinaturas da Tese Todos a Bordos para o 6º ENNPT

São Paulo

- 1- Flávio Jorge Rodrigues da Silva- Secretário Nacional de Combate ao Racismo
- 2- Waltecir Alves dos Santos - Secretário Estadual de Combate ao Racismo PT/SP
- 3- Antonio da Silva Pinto- Secretário Municipal de Combate ao Racismo PT/ São Paulo
- 4- Tânia Maria Pereira- Secretária Municipal de Combate ao Racismo PT/ Diadema
- 5- Armelindo Santana - Vereador PT/ Diadema
- 6- Nelson Martins - Líder Comunitário/ Coletivo de Negros do PT / Carapicuíba
- 7- Ana Lúcia Pereira/ PT / Marília
- 8- Edgar Moura- DZ- Sapopemba
- 9- Mesquita Bola- Assessor da Secretária Nacional de Combate ao Racismo
- 10- Sandro Oliveira- Coletivo da Secretaria Estadual de Combate ao Racismo/PT/SP
- 11- Monica Cristina - Coletivo da Secretária Estadual de Combate ao Racismo/{PT/SP
- 12- Suzana Maria - Coletivo da Secretaria Estadual de Combate ao Racismo/PT/SP
- 13- Fabiana Schleumer- Coletivo da Secretaria Estadual de Combate ao Racismo/PT/SP
- 14- Marco Antonio- Coletivo da Secretaria Estadual de Combate ao Racismo/PT/SP
- 15- Benedito Epifano- Assessor Parlamentar/ Líder Comunitário DZ/

- Itaquera
- 16- Valquíria Kika- Coletivo de Mulheres Negras Petistas/ DZ/ Guaianazes
 - 17- Sivaldo José - Executiva PT/ Jandira
 - 18- Diva Alves / Coordenadora da Assessoria da Mulher / Prefeitura de Mauá
 - 19- Maria de Lurdes / PT/ Mauá
 - 20- Sônia Regina Paula Leite/ membro do DM / PT de São Paulo
 - 21- Rosângela Mariano / DZ/ Butantã
 - 22- Noemi Duarte de Jesus- DZ- Butantã
 - 23- Edivaldo Esteves- DM/ PT - Carapicuíba
 - 24- Eliane Nunes de Andrade- DM/ PT- Carapicuíba
 - 25- Joana D'Arc- Executiva DM/ PT Osasco
 - 26- Antonio Eustaquio da Silva- DM/ Osasco
 - 27- José Francisco de Almeida - DZ- Lapa
 - 28- Orandir Gonçalves dos Santos - DZ- Itaquera
 - 29- Ivi Margarete mesquita- DZ- Itaquera
 - 30- Neide Fátima Lopes- Sindicalista -DZ/ Capão Redondo
 - 31- Nalva aparecida Moura- DZ/ Sapopemba
 - 32- Marilândia Fração- Sindicalista- DZ- Itaquera
 - 33- Gilda Alves - DM/PT- Mauá
 - 34- Gevanilda Gomes dos Santos- Articulação Popular e Sindical de Mulheres Negras da Capital, Interior e Litoral de São Paulo
 - 35- Elisabeth Ricardo Lara- DM/PT- Osasco
 - 36- Milton Pereira- DZ- Vila Maria
 - 37- Juraci Sampaio- DZ- Centro
 - 38- João de Oliveira- Bancário/ Sindicalista -DZ/Centro
 - 39- Florisvaldo Kika- bancário- DM/ PT- Jundiá
 - 40- Ana Cristina da Silva- DZ- Ermelino Matarazzo

Santa Catarina

- 1- João Carlos Nogueira- Diretor Escola Sul da CUT / PT/ Santa Catarina
- 2- Nelson M. Padilha- Coletivo Nacional da Secretaria de Combate ao Racismo
- 3- Marcio de Souza- Vereador/PT de Florianópolis

Espirito Santo

- 1- Isaias Santana Rocha- Coordenador Estadual do MNDH/ DR/PT/ES
- 2- Gilberto Batista- Secretário Estadual de Combate ao Racismo/ PT/ES
- 3- Madalena Maria Correia - DM/ PT- Vitória/ES
- 4- Paula Regina Oliveira- DM/PT- Vitória /ES

Rio Grande do Sul

- 1- Talis Fernando da Rosa- Coordenador Geral Restinga Extremo Sul- Prefeitura/POA
- 2- Maria Conceição Fontoura- Núcleo de negros e Negras Petista de Porto Alegre
- 3- JoséAlves Bitencur- LUA— Coordenação de Direitos Humanos- Prefeitura de POA
- 4- Ademir Batista da Rosa- PT/ POA
- 5- Adriana S. Martins - PT/ Alvorada
- 6- Jorge Dantas - PT/ Alvorada
- 7- Diovana Fernanda Figueiredo Ribeiro - PT/ Alvorada
- 8- ângelo Winicius Baracy- PT/ POA
- 9- Rui Leandro da S. Santos—PT/ POA
- 10- Pedro Alberto Teixeira- PT / Taquara
- 11- José Carlos Rodrigues - PT/ Alvorada
- 12- Jorge Luis Soares de Oliveira - PT/Sapucaia do Sul

Paraná

- 1- Carlos Augusto de Jesus - Secretário Estadual de Combate ao Racismo/ PR

Minas Gerais

- 1- João Carlos- Coordenação Nacional de Agentes de Pastoral Negros PT/ Contagem/MG

Mato Grosso do Sul

- 1- Idalécio Fernandes- Secretário Estadual de Combate ao Racismo PT/ MS
- 2- Carlos Porto- Assessor Parlamentar-
- 3- Lucimar Rosa Dias
- 4- Bem hur Ferreira- Deputado Federal
- 5- Sidineis Pereira Alves

- 6- Eliane Marques Rodrigues
- 7- Edgar Barbosa Souza Jr.
- 8- Luzia Nunes Mariana
- 9- Renato Oliveira Santana
- 10- Nelson Eder de Souza
- 11- Jorge Aparecido da Costa
- 12- Raimundo Cordeiro

Goiás

- 1- Genivalda Araújo dos Santos- Secretária Estadual de Combate ao Racismo/ PT/GO
- 2- Divino França Pereira
- 3- Rejane Soares Silva
- 4- Maria Rosalina da Silva
- 5- Maria Souza Almeida
- 6- Lucinete Jardimini de Oliveira
- 7- José Eduardo da Silva Batista
- 8- Expedito Fernando de Souza
- 9- Cleudiva Almeida Neves
- 10- Dagmar Evangelista Lima
- 11- Adelma Martins Silva
- 12- Maria Lúcia de Souza
- 13- Terezinha Ramos da Costa
- 14- Maurílio Leandro de Ávila
- 15- Cleunice Almeida Neves
- 16- Maria de Lurdes Pereira
- 17- Aparecida das Graças de Souza
- 18- Eliana Lúcia da Costa
- 19- Antonio Gilson da Silva
- 20- Valdevina Nayá de Sá
- 21- Maria Joana da Conceição
- 22- Maurélio Moreira de Araujo
- 23- Marlene R. de Oliveira
- 24- Uander Marcos de Paula e Silva
- 25- Nara Rubia Rodrigues Cardoso
- 26- Débora da Silva Quixabeira

Mato Grosso

- 1- Marco Antonio Bueno- PT/ Cuiabá
- 2- Ediney Aparecida da Silva- PT- Cuiabá
- 3- Ní cassio Barbosa PT/ Cuiabá
- 4- Lídio Barbosa PT/ Cuiabá
- 5- Maria Verônica Cavalcante PT/ Cuiabá
- 6- Manoel Marques Pereira PT/ Cuiabá

Maranhão

- 1- Cleuzimar Pinho- Coletivo Nacional da Secretaria de Combate ao Racismo
- 2- Luzimar Brandão- Coletivo de Negros e Negras PT/ São Luiz/ MA
- 3- Maria Inês Pereira - Coletivo de Negros e Negras - PT/São Luiz

FALTA AXÉ NA POLÍTICA PETISTA

**“ Só quero ver quando Zumbi chegar...
Zumbi é senhor das trevas, é senhor das demandas.
Quando Zumbi chega, é Zumbi quem manda...”**

Jorge Ben

Contribuição ao debate interno da Secretaria Nacional de Combate ao Racismo do Partido dos Trabalhadores

Políticas de combate ao racismo

- 1- O século XX chega ao seu final acompanhado da mais intensa miséria e desestruturação social, econômica e cultural de que se tem registro. E ao que assistimos? O aprofundamento da contradição do sistema capitalista que busca reorganizar-se, dividindo e excluindo alguns setores da população no interior desse sistema.
- 2- O processo produtivo ao desenvolver um grau de avanço tecnológico, capaz de suprir as necessidades básicas de toda a população do planeta, deixa de realizá-lo por conta da lógica da acumulação capitalista. Com isso, reduz à miséria mais de 2/3 da população mundial e, ao mesmo tempo, mantém uma guerra não declarada aos africanos em África e na diáspora.
- 3- Para estas populações atingidas por um intenso processo de destruição e expropriação dos seus marcos culturais, através de mecanismos ideológicos elaborados com vista a negação e desmonte do seu processo civilizatório, a atual crise estrutural só vem acirrar um processo que não se inicia agora.
- 4- O crescimento econômico é acompanhado de uma violenta concentração de renda, permitindo que duas pessoas detenham renda equivalente ao do Produto Interno Bruto (PIB) de 48 países, do capitalismo periférico. Este modelo provoca profundas diferenças entre nações e no interior de suas populações, a partir de uma matriz ideo-

lógica de afirmação do modelo social e econômico vigente.

5- O PIB mundial, segundo a última conferência realizada pela ONU, era de U\$ 2 trilhões. Já a movimentação desse capital, nos últimos 40 anos, obedeceu a uma lógica que faz com que 70% deste montante seja permanentemente manipulado pelos países capitalistas industrializados, enquanto os 30% restantes são alternadamente disputados através de mecanismos capitalistas modernos (mercado financeiro, produção, comercialização, etc), num processo cíclico de períodos de desenvolvimento e crises dos países ditos emergentes ou do capitalismo periférico, como aqueles da América Latina, África e Ásia.

Situação atual na África negra

“Óh Deus do céu, da África do sul, tornai vermelho todo o sangue azul”

Saudação à África do Sul Gilberto Gil

- 6- Nunca na história da humanidade a sobrevivência do povo negro esteve tão ameaçada quanto agora, tanto na África como fora dela. Os índices explicitam esse genocídio.
- 7- No continente negro, quatro milhões de crianças morrem anualmente vítimas de doenças endêmicas (sarampo, malária, cólera, etc). Dois terços dos portadores do vírus HIV de todo o planeta encontram-se na África. Estima-se que no decorrer da próxima década dois milhões de homens, mulheres e crianças irão morrer vítimas da doença. Só em 1998, a AIDS vitimou os mesmos dois milhões de pessoas, com a média de 5.500 mortes por dia.
- 8- Por imposição de séculos de dominação e do imperialismo a África negra está na contramão da história. Enquanto nos países centrais a expectativa de vida aumentou, em média, vinte anos desde o início do século, na África a expectativa de vida vem caindo de forma alarmante.
- 9- Segundo projeção realizada pela divisão de população da ONU, em 2005, a expectativa de vida em Zimbábue vai cair em mais de um ter-

ço, de sessenta para algo em torno de quarenta e um anos. Em Botswana a situação é ainda mais dramática, com uma queda que atingirá a faixa dos vinte e nove anos.

10- Este quadro nos coloca diante de uma dura realidade. Viver, para uma parcela bastante significativa da população do planeta, não passa de um pequeno lapso de tempo entre nascer e morrer.

11- Dados da ONU, de 1996, sobre o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), coloca o Brasil, atualmente, na 79ª posição, no grupo daqueles países considerados de médio desenvolvimento. Mas quando examinamos os mesmos dados referentes a apenas à população negra, passamos a ocupar a 121ª posição, uma das piores colocações, em igualdade de condições com o já citado Zimbabwe e também com o Lesoto. Isto demonstra que a situação de desenvolvimento humano do povo negro é tão precária no Brasil como em África. Mesmo nos Estados Unidos, apesar das políticas afirmativas, a diferença entre salário-hora de jovens negros e brancos, só vem aumentando. Até mesmo as políticas de cotas vêm sendo neutralizadas pelos efeitos da reestruturação produtiva no mundo do trabalho.

12- No Brasil, assim como no mundo todo, a grande massa de pessoas desprovidas de qualquer recurso material sem sombra de dúvida é de origem africana.

13- No Brasil o tratamento dispensado pelo poder político a essas pessoas tem sido historicamente como caso de polícia.

14- As sucessivas transformações tecnológicas na maneira de produzir, provocaram e provocam um distanciamento social muito maior, condenando esses povos ao extermínio na medida que a cada "revolução industrial", mais difícil se torna o seu acesso aos meios de sobrevivência.

15- Hoje, o que ocorre é o império do terror na medida que o Estado impões uma política de extermínio, condenando esse povo a ser prisioneiro do narcotráfico, por exemplo. Nesse sentido, é necessário que nesse II Congresso, o PT defina um conjunto de políticas que efetivamente garantam uma saída coletiva para esse povo,

rompendo com a dinâmica integracionista que, no limite de sua aplicação, oferece tão somente saídas individuais, ao contrário do que necessita nosso povo, ou seja, políticas que garantam a cidadania de toda a comunidade negra nesse país.

O socialismo e os sujeitos sociais oprimidos

16- Os trabalhadores assalariados pertencem à uma das classes oprimidas mais corajosa que a humanidade já conheceu. Também os escravos e os servos da gleba se revoltaram contra a exploração, apesar da dureza da exploração, em revoltas que colocaram em cheque a estrutura social dominante. As revoltas, insurreições, fugas e quilombos foram um dos aspectos, que, somado com a pressão inglesa e da sociedade, e o fim do tráfico negreiro, acabaram por culminar com a abolição no Brasil. A situação na qual estavam, o sistema que os envolvia, não permitia uma visualização de que a liberdade e os direitos seriam possíveis de serem alcançados. A ordem na qual os escravos estavam inseridos, que os tratava não enquanto seres humanos, mas como "propriedade" ou "coisa", tendo como opressores não patrões, mas sim donos (senhores). As repressões que surgiram constituíram uma herança terrível para as gerações seguintes.

17- Nós vivemos em um século no qual os trabalhadores conheceram uma expansão numérica; com a nova classe abalando o planeta em uma série ininterrupta de revoltas, revoluções, greves, manifestações. Essa vitalidade é considerada normal até pela burguesia.

Por causa desse dinamismo, no século XX a classe trabalhadora foi vítima de repressões sanguinárias, sem precedentes na história, tais como o nazismo, o fascismo, o franquismo e as ditaduras latino-americanas. No entanto, passada a época de vítimas da repressão, os trabalhadores conseguem se reerguer, animados pela chegada de novos sujeitos históricos da luta de classe.

18- O século XX apresenta, do nosso ponto de vista, outras características surpreendentes. Há opressões que vão além da divisão da sociedade em clas-

ses: opressão do homem sobre a mulher, dos adultos sobre os jovens, dos heterossexuais sobre os homossexuais, dos brancos sobre os negros e as minorias étnicas e religiosas. As opressões buscaram justificar-se através de mecanismos ideológicos, desconstruindo identidades, e destruindo processos civilizatórios em desenvolvimento tendo como base a exploração capitalista.

19- Apesar desta forma de impor a dominação, as elites, nem sempre contaram com a resignação dos oprimidos. As classes e setores dominados expressaram sua indignação organizando-se em diferentes momentos da história chegando mesmo a impor derrotas a classe dominante e alcançando conquistas importantes para suas vidas.

20- Apesar da grande força dos oprimidos, da enorme quantidade de energia empregada, das milhões de vidas sacrificadas, das paixões e dores, o balanço não é positivo. É verdade que as condições dos trabalhadores melhoraram, mas limitadas aos países imperialistas: a grande maioria dos trabalhadores (quase um bilhão de pessoas) vive uma exploração semelhante àquela do século passado. Além dos trabalhadores há uma massa de excluídos nas grandes metrópoles dos países dependentes que vivem em absoluta pobreza. Guardadas as devidas proporções a cada dia morrem mais pessoas de fome que no tempo da escavidão. Os trabalhadores conseguiram com revoluções eliminar o capitalismo em cerca de 1/3 dos países do mundo, porém não se pode dizer que foram capazes de construir uma sociedade na qual os trabalhadores(as) influíssem nas decisões dos governos. Pelo contrário, a grande parte deste sistema exercitou uma pressão antioperária - que nada deixa a desejar diante da brutalidade de regimes fascistas. Grande parte das burocracias estalinistas foi derrubada por movimentos populares de oposição a partir do ano de 1989. Os que se mantiveram estão rapidamente se convertendo ao capitalismo.

21- Os oprimidos deram vida a potentes partidos, sindicatos e associações, mas a maioria desses organismos de massa não os representa hoje realmen-

te. Por que o balanço é negativo? O que não anda bem? Como agir para não jogar no lixo a enorme energia que vem dos oprimidos? Estas perguntas deveriam causar preocupação entre os militantes da esquerda. Notamos, ao contrário, um incrível atraso neste debate no interior da esquerda mundial.

22- As respostas às perguntas acima formuladas vêm freqüentemente dos nossos adversários: a burguesia, seus jornais, seus estudiosos. Eles chegam à conclusão de que o problema "está na raiz": é a extraordinária propensão dos oprimidos deste século ao protesto e à revolta que gera esse balanço negativo. Imaginam que o espírito de rebelião seja alimentado por "ideologias". Os nossos adversários e inimigos esperam que os oprimidos deixem de segui-las e de acreditar nelas, adotando um sábio realismo (que implica na aceitação da própria condição de oprimidos): na realidade as "ideologias" anticapitalistas não são a origem dos "problemas", mas próprio fruto deles.

23- As ideologias são instrumentos usados pelos oprimidos em revolta. Quando não têm à disposição o marxismo, por exemplo, adotam uma outra que lhes dê um sentido geral à própria rebelião. No Leste Europeu e na antiga União Soviética, as massas em movimento, afetadas pelo totalitarismo estalinista, eram impossibilitadas de utilizar a ideologia marxista. A seus olhos ela representava "a ideologia oficial" do poder que queriam destruir. Em outras situações surgem manifestações ideológicas do tipo religioso, como acontece hoje com o integralismo islâmico.

24- O sucesso entre os oprimidos de um sistema de idéias não é secundário, obviamente, na determinação das características da revolta. Mesmo não gerando a explosão, condiciona o caminho e o fim determina o seu êxito. Por isso é fundamental que, no momento oportuno às massas, seja possível usar um sistema de idéias e de reflexões que lhes permita atingir a transformação. Isto acontecerá somente se houver um longo e capilar trabalho de base da parte dos portadores desse sistema de idéias.

25- O sistema de idéias que propomos aqui deve ter no seu centro algumas respostas que contribuam para a melhor organização das lutas populares e a superação das debilidades da esquerda brasileira. Essas debilidades e lacunas passam pela discussão de um tema pouco levado em consideração pelo movimento operário e socialista: a questão das opressões e a construção das alianças entre os oprimidos e excluídos.

26- Um grande limite na luta dos oprimidos deste século é a falta de uma aliança política e social que os unifique. O oprimido é submetido a uma série de discriminações só pelo fato de pertencer a uma determinada categoria de pessoas. Já os opressores gozam, em virtude da discriminação, de uma série de privilégios. A opressão para se justificar faz uso de um sistema de idéias que chamamos ideologia. Identificamos várias opressões: de classe, de gênero, de geração, de orientação sexual, de religião e racial e étnica.

A Opressão de Classe

"Minha vida não tem tanto valor, quanto o seu celular, o teu computador..."

"Diário de Um Detento"

Mano Brown / (Racionais Mc's)

27- Um dos marcos da exploração capitalista é o racismo que nos países periféricos é a principal contradição desse sistema. Em termos numéricos, nós africanos e africanas na diáspora, garantimos ao Brasil a classificação de país com a maior população negra do planeta depois da Nigéria. Entretanto, permanecemos tratados como cidadãos e cidadãs de "segunda classe". Senão, vejamos: nossas chances de sermos os-as primeiros-as demitidos são de 75%; 70% dos negros trabalham em serviços não técnicos; 80,9% das mulheres negras ganham até dois salários mínimos; 62% dos homens negros ganham até dois salários mínimos; 80% dos negros moram em favelas e lugares insalubres; 87% das crianças fora da escola são negras; somente 47% dos negros concluíram o segundo grau; somente 1% dos ne-

gros completam a faculdade; a evasão escolar é 65% maior entre os negros; 37,7% das mulheres negras são analfabetas contra 17,7% das brancas; 40,25% dos homens negros são analfabetos contra 18,5% dos brancos; a renda familiar negra é de 689 reais contra 1440 reais da família branca, segundo dados do DIEESE.

28- No Brasil, assim como no mundo todo, a grande massa de pessoas desprovidas de qualquer recurso material sem sombra de dúvidas é de origem africana. As sucessivas revoluções industriais provocaram um distanciamento social muito maior, condenando esses povos ao extermínio na medida que a cada revolução tecnológica mais difícil se torna o seu acesso aos meios de sobrevivência. Hoje, o que ocorre é o império do terror, na medida em que o Estado impõe uma política de extermínio. As esquerdas têm dificuldades em manter uma relação com esses segmentos da sociedade e não apresentam respostas concretas para esta situação.

29- Neste sentido, quando analisamos o conceito Marxista de que o lupem do proletariado é a camada da população que, desprovida de qualquer recurso material no sistema capitalista pode em determinado momento ser arrastada para uma ação revolucionária, mas que na maioria das vezes esses setores permanecem do lado dos contra revolucionários. Essa afirmação nos remete à seguinte reflexão: o Marxismo por sua origem sob uma visão de mundo européia, não aprofunda seus estudos sobre esta população que, do nosso ponto de vista, foi e continua sendo abandonada à própria sorte e sem os laços de solidariedade do proletariado.

A Opressão de Gênero

30- A partir da década de 80 um novo debate é incluído na agenda feminista. Trata-se da crítica feita pelas mulheres negras ao Movimento Feminista que, enquanto proposta política de luta contra a opressão das mulheres, omitia a problemática das desigualdades raciais. Mais precisamente, numa representação distorcida, tanto no plano da concepção política quanto na prática das militantes cuja luta buscava a ampliação dos direitos, a igual-

dade entre homens e mulheres, negligenciava a opressão racial de mais de 300 anos em território brasileiro sobre as mulheres africanas.

31- Questionando a identidade generalizada sobre as mulheres, cujo estereótipo referenciava-se nas americanas e européias brancas, evidenciaram as diferenças existentes entre o gênero feminino. Aprofundando o debate, traçaram paralelos entre a realidade das mulheres negras desconstruindo os mitos impostos e sem significado uma vez que não contemplavam a sua visão de mundo.

32- Se, para as mulheres brancas tornava-se imperativo adentrar o mercado de trabalho, as negras estiveram na lavoura, no trabalho doméstico, nas ruas, garantindo o sustento inclusive de senhores e senhoras de escravos.

33- Na vida pública e participação política, estiveram à frente da reorganização do povo africano dispersado intencionalmente pelos escravocratas, nas lutas contra a escravidão, nos quilombos como líderes, nas rebeliões e fugas das senzalas.

34- Sua religião desconhece um Adão que cede parte de sua costela para submeter eternamente a mulher como pedaço de sua generosidade, além de possibilitar sua participação como agente histórica ao invés de mera coadjuvante.

35- O movimento feminista sem dúvida permitiu um rol de avanços para as mulheres de maneira geral, garantindo direitos antes reservados aos homens como por exemplo: de propriedade, de voto, de educação. As lutas vitoriosas possibilitaram às mulheres acessar a vida pública como também maior liberdade no próprio lar. Essas conquistas entretanto tiveram como sustentáculo o trabalho das negras no interior das casas como domésticas e/ou babás, impedidas muitas vezes de poderem estudar ou dedicarem maior tempo aos seus filhos e demais familiares.

36- Insistindo na substituição do individualismo e competitividade do mundo masculino por relações igualitárias e não-hierárquicas, desde o final dos anos 60 as feministas propõem o modelo feminino da irmandade de mulheres, sob o princípio da universalidade. Diferentes formas de pensar

a ação e libertação das mulheres levou à uma elaboração teórica cujo aprofundamento fez emergir outras formas de organização social para além das consideradas e aceitas como superiores e universais. Pesquisas freqüentemente se referem as comunidades africanas onde as mulheres constituíam sólidas organizações cujo eixo central era a solidariedade e semelhança entre elas. Um dos exemplos citados em matéria publicada nos Estudos Feministas número 0/92 refere-se aos Achanti, na África que por longo tempo mantiveram a posição da rainha-mãe em pé de igualdade com a do rei em vários aspectos essenciais, exatamente porque ela representava as mulheres de todo o povo. A medida que esse conhecimento foi se generalizando e constituindo práticas de fortalecimento no movimento de mulheres passou a ser uma das mais poderosas armas do movimento de mulheres da classe média. Enquanto proposta de repúdio ao autoritarismo não pode ser negada sua importância, porém a idéia de irmandade não se contrapõe ao capitalismo. E mais, velou a discriminação existente entre as mulheres por conta do racismo, pelo fato dele consistir um dos pilares da estruturação do capital. Por outro lado, apropriou-se de dados históricos com base em referências oriundas de populações marginalizadas e discriminadas racialmente, inclusive sob a alegação de inferioridade.

37- A concepção de uma mulher universal foi então desafiada ao ser contestada a não inclusão das mulheres negras, submetidas a uma opressão específica. "Quando o feminismo deixa de defender mudanças econômicas e sociais que garantam uma vida decente para todas as pessoas, os direitos da mulher acabam significando privilégio para algumas e exploração para outras."

38- Se por um lado, o movimento feminista sob a égide da mulher universal beneficiou determinadas mulheres, contraditoriamente levou ao aprofundamento da importância de serem buscados outros referenciais que de fato expressassem a trajetória histórica da participação das africanas no processo civilizatório da humanidade. Se, para as feministas foi impor-

tante demonstrar a diversidade das relações existentes inclusive nas sociedades ditas primitivas e escravistas, onde as mulheres escravizadas gozavam de outro "status" diferente do questionado por elas, para as mulheres negras assumia uma conotação ainda maior. Tais estudos e conclusões contribuíram significativamente para fortalecer a sua organização com independência e autonomia a partir de outros referenciais, quais sejam os já existentes nas organizações africanas anteriores às invasões árabe e européia.

39- Em outro sentido, a concepção de irmandade para as africanas na diáspora, assumiu características próprias que lhe acrescentaram um significado perpassado por referenciais sob outra ótica o que as levou a formularem alternativas de resistência e organização também em questão de combate à opressão sexista. Esta realidade experimentada pelas mulheres negras deve ser observada em dois aspectos: a opressão sexista combinada com o racismo por parte dos homens brancos e a opressão histórica sobre as mulheres por parte dos homens negros. Neste caso, um dos danos causados pelo colonialismo e em consequência da interrupção do processo histórico das sociedades africanas, foi a absorção por parte dos homens negros da cultura branca eurocêntrica que classifica as mulheres de acordo com a visão reducionista e biologicista ou seja, como meras reprodutoras da espécie humana.

40- As reflexões no interior do Movimento de Mulheres Negras conduziram então para cujos pressupostos teóricos norteavam uma organização tal capaz de conquistar a liberdade solidária e igualitária para além dos marcos tecnicistas e fragmentários.

41- A origem da opressão sobre a mulher carece ainda hoje de consenso. As análises e os dados obtidos por Engels, por exemplo, hoje são extremamente controvertidos. A grande maioria dos etnólogos atuais parece concordar com a existência de domínio dos homens sobre as mulheres já nas sociedades sem classe. A dificuldade se estabelece na hora de definir se isto ocorreu em todas as sociedades primitivas ou somente em algu-

mas. Alguns estudiosos colocam em dúvida a noção de matriarcado, aceitando com mais facilidade a noção de sistema matrilinear e patrilinear. Entretanto o maior desafio talvez seja a construção da igualdade nas relações de gênero para além das ações afirmativas e famosas cotas de participação.

42- No que diz respeito às implicações entre racismo e sexismo, torna-se fundamental evidenciar em que medida a opressão dos homens negros sobre as mulheres negras contribui para a perpetuação do racismo.

43- O termo gênero como categoria de análise foi introduzido nos estudos feministas na década de oitenta. Antes, nos anos sessenta, a pesquisa feminista havia demonstrado que aquilo que então se chamava papéis sexuais variava amplamente em termos transculturais

(Moore, 1988, esp. cap. 2). Desse modo eles não podiam ser simplesmente reduzidos ao inevitável fato natural e universal das diferenças de sexo. Neste sentido, precisa ser compreendido enquanto resultado das interações entre homens e mulheres dada uma realidade contextualizada. O reducionismo biológico, neste caso, passa a ser desafiado e cabe a categoria de gênero superá-lo, re-interpretando as "relações culturais resultantes das imposições de significados sociais, culturais e psicológicos sobre identidades sexuais". Torna-se imprescindível assim buscar as raízes históricas e sociais onde as variações transculturais possam ser explicadas e estendidas. Com base nisto, a teoria de gênero extrapola a luta feminista de igualdade com os homens e passa a constituir-se enquanto projeto político de superação das desigualdades numa perspectiva revolucionária e transformadora.

44- Quanto à ideologia suporte da visão biologicista sobre as mulheres data pelo menos do séc. XIII com o surgimento da doutrina católica da pureza de sangue. Na prática, essa doutrina pode ser traduzida pela compreensão do fato de serem as crianças alimentadas pelo sangue materno na vida intra-uterina e depois do nascimento esse sangue ao se tornar leite, "pureza de sangue" equivalia, então,

a ser filho de mulheres cristãs. Enquanto discriminação cultural e religiosa na medida em que se estabelece o conflito entre judeus, mouros e espanhóis, transformou-se uma "doutrina racista do pecado original do tipo mais repulsivo" (Kamen, 1985, p. 158). Com o crescimento das colônias espanholas, essa idéia foi difundida entre os colonizadores europeus e aplicada aos africanos, serviu como meio para assegurar a pureza racial combinada com a social para assegurar a proeminência social. Quando, no séc. XVI o Novo Mundo torna-se o palco da escravização sobre os africanos como sustentáculo da exploração capitalista, o construto teórico já havia passado por uma elaboração tal que justificava sua implementação.

45- A naturalização dos mecanismos ideológicos enquanto pressupostos teóricos transforma as mulheres em elementos a serem controlados conforme os interesses políticos em jogo. Sendo assim, quando prevalece a visão biológica sobre o corpo feminino, deixa transparecer o controle cujo objetivo é a manutenção de uma sociedade de classes, hierárquica, individualista e racista.

46- A teoria da irmandade ao não se constituir como elemento real por ignorar as mulheres concretas, serve também como parâmetro no sentido de questionar o princípio da universalidade para as diferentes sociedades e suas formas de organização social e política assim como suas mulheres se contrapuseram, buscando superar a supremacia masculina. A mulher universalmente submissa também não existe.

47- Se hoje, em África persistem sociedades de base matriarcal e/ou matrilinear, elas coexistem com tantas outras onde a dominação masculina seja sobre seus corpos ou com vistas a manutenção e garantia dos bens materiais (riquezas) expressa a necessidade e urgência do resgate às referências histórico culturais das sociedades africanas onde as mulheres construíram resistência organizada às diferentes formas de dominação.

48- Enquanto agentes históricos construtores de civilizações básicas na organização da humanidade, africanos em África e na diáspora tem igual participação e responsabilidade com as

mulheres para elaborar formas estratégicas capazes de desfigurar a opressão de gênero, sob o risco de termos inviabilizada a luta e o combate ao racismo.

A opressão de geração

"Sonhos simples, pequenos: ver um pivete mais limpo, frequentando a escola"

Grupo DLN (Defensores da Liberdade Negra) – Campinas

"Quadro Educacional"

49- A opressão contra os jovens se manifesta hoje na sociedade através das discriminações no trabalho, na limitação dos direitos civis, na repressão escolar; sendo o jovem uma negra ou um negro, esta opressão se acentua.

50- O estado delega a família a tarefa de "preparar" os jovens para a entrada na sociedade como cidadãos. É no interior da família que ocorre a maior parte das violências psicológicas e físicas cometidas pelos adultos contra os jovens. É também na família que se desenvolve um eficiente sistema de repressão sexual contra as meninas e as adolescentes. Em cada sistema social verificam-se elementos que impuseram aos jovens um conjunto de valores e de regras apresentados como justos, razoáveis e sobretudo privados de alternativas. Ainda assim os jovens sempre se rebelavam diante destas regras sociais impostas. Sua luta foi até pouco tempo isolada no espaço doméstico. O advento do sistema escolar de massa fez com que eles se encontrassem e pudessem sair do isolamento, criando espaços coletivos.

51- É nesse contexto que a escola que temos hoje em nada se diferencia dos espaços existentes no interior da sociedade, organizada de forma excludente, desumanizadora e racista. O negro não está presente nos livros didáticos, que contam a história sob uma perspectiva branca, deixando de lado nossos heróis e referências, como Zumbi, Dandara, e etc. Quando analisamos a questão do analfabetismo entre a comunidade negra, os índices são ainda mais assustadores: a abso-

luta maioria encontra-se na linha do analfabetismo (considerando analfabeto funcional aqueles que sabem ler e escrever poucas frases, mas são incapazes de usar a leitura e a escrita em atividades cotidianas). Na universidade a realidade não é diferente, pois, dos negros que ingressam na faculdade, muitos deles nem chegam ao final do curso.

52- Diante destes fatos, a juventude negra acaba criando características próprias, de acordo com a identificação dos problemas sociais de cada geração. Assim, se organiza levando a discussão racial para dentro de espaços coletivos, como os sindicatos, movimento estudantil, grêmios, DCE's, etc. Ou então, se organiza em torno de espaços coletivos que fazem a discussão racial prioritariamente, como o movimento negro, o movimento Hip Hop, etc.

53- Então como falar em luta anti-racismo, sem falar em juventude? Como falar em juventude, sem falar em juventude negra?

54- Estamos como o segundo país africano no mundo. Por isso, não há para nós jovens africanos na diáspora, militantes do PT, outra forma de se definir políticas, sem a especificidade de nossa visão.

55- A esta população, atingida por intenso processo de distribuição e apropriação dos seus marcos culturais através de mecanismos ideológicos, obrigada a abdicar de suas raízes e identidades, passando a usar referências impostas pela chamada globalização ou mundialização, para se identificar enquanto um novo indivíduo. A atual crise estrutural só vem a acirrar este processo que não se inicia agora.

56- É impossível ao PT se afirmar como um verdadeiro partido de massas brasileiro, tendo como deficiência, falta de políticas objetivas para o combate ao racismo e a falta de espaço independente para a discussão política, voltada para o jovem, população negra, que hoje confirma com valoroso embate sua ainda solitária luta através de movimentos de poderoso cunho, como o Hip Hop, que tem como principal objetivo ser compreendido não só como arte, mas como movimento social de resistência, de denúncia

do racismo, da violência policial, da corrupção, das drogas, da criminalidade, etc. Mas esta denúncia, que por si só não vai mudar nossa situação, tem que vir acompanhada de organização política para que não venha a ser mais uma fonte de lucro e de exploração da elite. Por isso a participação partidária do Hip Hop é estratégica, para que estas bandeiras de luta sejam levantadas. Para nós um partido que vise um socialismo de fato, que queira realmente mudar uma situação de exploração e de domínio vigente no Brasil a quase 500 anos, que tenha como meta acabar com o preconceito racial, que deseje realmente oferecer uma alternativa para todos aqueles que são excluídos, precisa obrigatoriamente compreender também o que é o Hip Hop e o compromisso deste enquanto um movimento social, contribuir na construção de um país realmente democrático, com distribuição de renda justa, onde não haja nenhum tipo de exploração ou dominação.

57- Queremos o PT como o partido da ruptura com esta ordem que nos exclui e extermina, por isso exigimos o nosso espaço dentro deste partido, não só como uma secretaria que reproduza as mazelas de nosso partido hoje, mas com representatividade política e esta deverá ter a cara negra, que conheça, defenda e resgate nossa história, nossos heróis e principalmente nossa cultura, tão plural e sedutora, e além de tudo, tenha também a cara da juventude negra excluída, que resiste e sobrevive nas periferias, ocupações, conjuntos habitacionais e favelas.

58 - A secretaria de juventude do PT tradicionalmente abriga o movimento estudantil, e conseqüentemente reproduz seus vícios. Aqueles que não são absorvidos pela lógica do movimento estudantil acabam se afastando, como é o caso da juventude negra que não encontra espaço para fazer suas discussões específicas. A juventude negra do PT precisa encontrar o seu espaço dentro do partido, para garantir que o partido priorize suas reivindicações específicas. Para garantir que a questão racial seja contemplada pelo partido, é necessário que a juventude priorize o espaço da secretaria de com-

bate ao racismo. A discussão racial deve ser feita em todos os espaços possíveis (movimento estudantil, sindicatos, etc.), mas sempre dando importância maior ao setorial de combate ao racismo, garantindo assim que o PT contemple a nossa luta por inteiro e evitando também que ela se dilua em outros setoriais.

59- O PT precisa priorizar questões como a cultura, rompendo com a visão de que o socialismo se constrói somente através da luta de classes, que também é importante, mas não é o único problema existente no Brasil. Se fizermos uma distribuição de riquezas igualitária, mas não mudarmos a cabeça das pessoas, seus hábitos, vícios, costumes e mentalidades, o socialismo não prevalecerá. Por isso, ressaltamos a importância da discussão do racismo e da cultura, que o movimento Hip Hop mescla muito bem.

60- Precisamos buscar este debate dentro deste partido, porque nós "afro-descendentes" estamos também no movimento sindical, no movimento estudantil, no movimento de mulheres, movimento negro, movimento Hip Hop, ou seja, em todas as bases que constituem este partido. Exigimos escolas de formação nacional de juventude negra para nos fortalecermos e garantirmos que este debate produza realmente a política de nossos interesses, e com o fortalecimento destas possamos levá-la para fora de nossas instâncias, ou seja, para a sociedade e com isso, assegurarmos o nosso PT e nossa identidade. Isto é o que realmente esperamos do PT.

A opressão sexual

61- A luta contra a opressão dos homossexuais (gays e lésbicas) também precede a luta de classes. Ela se apresenta em todos os espaços e setores socio-econômicos, por função de uma formação de concepção de sociedade "normativa", que obriga seus membros a optarem por uma única opção sexual, que a maioria do grupo social definiu como heterossexualidade.

62- A discriminação e opressão contra os grupos de gays e lésbicas vem de um processo anteriormente constatado e com um crescimento da imposição do projeto capitalista a sociedade

tratava estes grupos como doentes ou pessoas anormais, porque fugiam as regras da normalidade impostas por sua maioria. Esta discriminação deixa de ser operativa enquanto gays e lésbicas se mantiverem na clandestinidade, sua opção sexual, quando deixa de ser algo secreto, isto é, quando assume sua opção e se inicia o processo de discriminação da sociedade e declaração de guerra a esta minoria. A partir deste marco, constatamos que perseguição ocorre e atua nos seus locais de convívio no trabalho, família, grupos de amigos e em todos os seguimentos que se consideram normais.

63- No trabalho, geralmente não lhes são concedidos postos de responsabilidade, com tendência de serem demitidos. São colocados num processo de isolamento pelo conjunto de trabalhadores que sofrem outros tipos de exploração, mas se julgam "normais" por serem heterossexuais.

64- Na família, quando assumem sua sexualidade, sofrem várias crises existenciais, pela concepção que é pautada sua formação, tanto cultural quanto religiosa. O homem e a mulher são constituídos um para o outro na sua natureza. Desta forma a discriminação opera com violência física e psicológica, que leva o indivíduo a não reconhecer a própria essência de sua opção sexual.

65- Se há oprimidos neste processo, também constatamos os opressores, que teoricamente são heterossexuais, os ditos "normais", ou os que acreditam que são. Neste grupo encontramos patrões e operários, homens e mulheres, jovens e adultos.

66- Na realidade, da grande maioria dos excluídos que compõe a população negra, esta discriminação se dá da mesma forma, ou com mais intensidade.

67- Os homossexuais negros e negras são mais agredidos, ora por opressões brancas para intensificar sua prática de racismo, ou por negros e negras que fazem brincadeiras de mau gosto, por se acharem desmoralizados. Isto se dá pela concepção de "virilidade" (homens), ou "sensualidade" (mulheres), produtos de uma visão machista e opressora.

68- No início do século, gays e lésbi-

cas começaram a lutar coletivamente por seus direitos. Desde então, este grupo buscou conjuntamente formas autônomas de organização de lutas e os movimentos, quando pautam este tema, se constroem para fazer uma discussão mais consistente. Também, por sua vez, este debate jamais foi implementado de forma adequada por grandes líderes intelectuais. Isto constitui uma permanente traição as expectativas dos grupos de homossexuais, pois eles sempre expressaram uma afinidade natural com as organizações e reivindicações dos demais setores de oprimidos. Mesmo com todas estas avaliações, os negros e negras de outras frentes de lutas deveriam fazer uma avaliação que busque o molde da visão de mundo africana, que através de sua organização de religiosidade africanista absorve a não discriminação destes setores, e dos quilombos que na sua coletividade não abrigam o preconceito.

Religiões de matriz africana

69- As religiões de matriz africana, ao longo da sua trajetória em nosso país, vem não somente resistindo, como também apresentando a visão de mundo africana numa perspectiva de alternativa a lógica dominante branca e racista. Baseando em todo um saber ancestral na construção de uma nova ordem em que as relações com diferentes sejam respeitadas e democráticas. Nesse entendimento de mundo, é fundamental que todas as relações de construções sejam coletivas e solidárias, caminhando no pleno desenvolvimento do ser em todos os seus aspectos.

70- Os entendimentos judaicos cristãos sempre trataram a cultura e a religião das negras e dos negros com intolerância, preconceito e desrespeito. Esse confronto ideológico é histórico e assume nos dias atuais, características extremamente preocupantes a partir do momento em que um setor do seguimento judaico cristão (igrejas evangélicas eletrônicas) de certa forma, desenvolve uma política de confronto e ataca o Candomblé e a Umbanda no sentido do aniquilamento geral dessa matriz religiosa.

71- Podemos nos perguntar por que incomodamos tanto?

72- Podemos responder que as religiões de matriz africana mantidas espetacularmente em nosso país contém na sua proposta de construção elementos com conteúdos que nos ajudam em uma perspectiva de transformação radical desta sociedade.

73- Entendemos e concebemos o mundo numa visão integradora natureza-homem como um forte conteúdo de respeito e preservação do meio ambiente. Na nossa visão de mundo a igualdade de princípios (feminino e masculino) é fundamental para o equilíbrio das relações. Com isto, queremos dizer que um princípio não é mais importante que o outro, como também observamos a socialização e democratização de poderes entre os Orixás em que um completa o outro.

74- Com certeza, afirmamos que as comunidades de terreiros constroem e mantêm identidades, acumulando pessoas e não bens, afirmando o pleno desenvolvimento do ser e sua autonomia, no entendimento que não cabe ao individualismo.

Axé é uma construção coletiva em que todos dão a sua contribuição.

A aliança

75- A discriminação racial perpassa todos setores da sociedade, o que significa a importância de se tratar as opressões sobre uma outra lógica. Os africanos e africanas, seja na África no momento da invasão européia, na diáspora brasileira, organizaram diferentes formas de contraposição e ruptura com o sistema dominador em curso. Inúmeras conquistas foram alcançadas.

76- Como exemplo podemos citar:

- A articulação dos Quilombos até os dias atuais
- A organização de lideranças e de revoltas relevantes durante o período colonial
- A participação histórica na desconstrução do mito da "democracia racial"
- A luta contra a violência racial
- As reflexões e organizações das mulheres negras com base nos referenciais africanos, entre outros...

77- Mas ainda há muito a ser conquistado. Algumas dificuldades tem inviabilizado uma ação política mais

democrática e construtiva de acordo com os anseios da classe trabalhadora composta pelo povo negro.

78- Neste sentido entendemos que é necessário buscar a construção de uma estratégia que resgate a humanidade desta população, rompendo os preconceitos e a discriminação, fazendo uma reflexão política sobre o erro histórico cometido contra a população africana, inclusive, reconhecendo a resistência desse povo como componente responsável na luta pelo socialismo.

Falta AXÉ na Política Petista

79- Pretendemos focalizar uma descrição comparativa entre os problemas da esquerda - do PT - e uma visão de mundo comunitária - o candomblé -, e como este pode contribuir para pensar uma superação dos problemas vividos pela esquerda.

80- Em primeiro lugar, quando falamos da crise de identidade do PT, nos referimos à grande crise que abala a militância do partido, fazendo com que, hoje, exista em suas bases um sentimento generalizado de que o PT "não é mais aquele".

81- O partido encontra-se num alto estágio de burocratização, ou seja, as decisões políticas são tomadas pela cúpula de direção do partido, pelos dirigentes que se mantêm por vários anos na direção.

82- Dizem - e se vê - que, entre uma eleição e outra, os candidatos e a militância não priorizam mais o trabalho de base, depositando uma confiança exagerada na capacidade oratória e no discurso coerente do partido. Não se realiza mais um trabalho no qual se procure construir uma interseção entre a cultura popular, o imaginário e a teoria de superação do capitalismo.

83- Por outro lado, a forma de convencimento das massas se realiza cada vez mais por meio de um discurso preocupado com o status e a forma do falar. Ou seja, caracterizando-se através de aspectos semelhantes ao proselitismo das religiões universais. Parte-se da presunção de que os excluídos são alienados, ignorantes, não adquiriram ainda aquela consciência de classe ou política que propicie uma mudança radical do sistema político, econômico e social.

84- Em conseqüência disto, quando os agentes políticos do partido assumem alguma função governamental ou parlamentar, crê-se que os problemas sociais e econômicos possam ser resolvidos a partir de soluções e resoluções propostas *somente dentro das instituições às quais esses sujeitos-agentes pertencem.*

85- Em segundo lugar, quando falamos na construção do AXÉ nas comunidades de candomblé, referimo-nos ao princípio básico que move toda a cosmologia religiosa das comunidades afro-brasileiras. Ou seja, na definição dos iniciados na religião, *"o AXÉ é a força que assegura a existência dinâmica, que permite o acontecer e o devir. Sem AXÉ, a existência estaria paralisada, desprovida de toda a possibilidade de realização. É o princípio que torna possível o processo vital."*

86- Segundo alguns iniciados na religião que são também militantes do PT, a concepção de AXÉ "é uma construção coletiva em que não cabe o individualismo, e a competição é o ponto de contradição com o capitalismo".

87- Neste sentido, a diferença entre a visão política anterior e esta é que, na construção do AXÉ, existe uma divisão de tarefas entre todos os membros da comunidade; todos trabalham em pé de igualdade, para receber e adquirir o AXÉ. A doutrina no mundo do candomblé só é compreendida na medida em que é vivida e dramatizada de modo ativo.

Comparando com o segundo aspecto a visão política anterior, na construção do AXÉ, a lógica ou dicotomia "discurso dos esclarecidos aos não-esclarecidos" não existe. A palavra e a vida são sentidas e vividas. Encontram-se numa mesma dimensão. Portanto, o conhecimento do real, nessa cultura e religiosidade baseada na oralidade, se dá de forma integral e muito presente no corpo e na mente dos indivíduos.

88- Em função disto, sem sermos redundantes - o que seria chamado, na crise de identidade do PT, o convencimento dos indivíduos passando pela priorização do proselitismo - na cosmologia dos afro-brasileiros, a educação de AXÉ é feita permanentemente, desde a iniciação até o retorno ao

Orum (mundo invisível).

89- Aliás, a educação de AXÉ, no cotidiano, é a base do entendimento do real, do futuro e do passado. Somente a vivência comunitária poderá construir a identidade individual e coletiva, com harmonia, sem desigualdades, sem exploração de uns sobre outros e sem qualquer tipo de opressão ou privilégio.

90- A crise vivida pelo PT hoje é de projeto e de esgotamento de uma prática militante rígida, diante de uma nova realidade imposta pelo neoliberalismo.

91- Sem dúvida, qualquer projeto revolucionário de superação da sociedade de mercado será também proselitista, ou seja, deverá disputar espaços e símbolos com a classe dominante. Como afirmava Gramsci, a luta de classes se concretiza numa disputa de hegemonia, através de guerra de posição e de movimento. A guerra de posição se dá por meio de disputas ideológicas, de valores, de visões de mundo, enquanto a guerra de movimento se dá no momento em que se evidencia uma disputa real de poderes.

92- Entretanto, a esquerda e o PT, hoje, não conseguem superar a priorização do proselitismo, do discurso coerente e uma autoestima exagerada de sua competência para exercer o governo de Estados ou da República.

93- Hoje, os militantes do PT, em sua maioria, são habituados a modalidades velhas e superadas de intervenção, privadas de incidência. São habituados a atitudes substancialmente propagandistas. A maneira propagandista (proselitista) de fazer política é muito cômoda e permite somente mostrar as posições do partido, exibir as bandeiras nos comícios, nas assembleias públicas, nos manifestos eleitorais.

94- Utilizam-se instrumentos em que as massas são público, espectadores passivos de atos políticos vividos por outros. E neste período de refluxo, as redes coletivas de solidariedade, com as quais se poderia contar até alguns anos atrás, não mais existem.

95- Somente com a propaganda (o proselitismo), não se avança em nada, principalmente neste período histórico em que as classes dominantes utili-

zam instrumentos de persuasão muito mais sofisticados do que os do PT. 96- O entendimento que afirma que a prioridade é o confronto entre as classes sociais, considerando irrelevante a questão negra e étnica nos faz questionar este projeto de 97- Na verdade, quando se afirma isto, conclui-se que, com o desaparecimento da opressão de classe, desaparecem conseqüentemente as outras opressões (de gênero, de raça, de geração e de opção sexual). Isto demonstra a incapacidade da esquerda de entender que a burguesia exercita a sua hegemonia além da dimensão de classe. A esquerda não compreende que a discriminação racial, de opção sexual, de geração e de gênero, sociológica e antropológica, não é causada pela simples dominação econômica de classe.

98- Neste sentido, podemos afirmar, por exemplo, que os terreiros, enquanto guardiões de AXÉ, revelam-se como uma contrapartida à hegemonia do processo simbólico universalista, exibindo um segredo - o de deter forças de aglutinação e de solidariedade grupal. É uma solidariedade para além das dimensões do individualismo burguês, com raízes na divindade (princípios cósmicos) e na ancestralidade (princípios éticos). Por meio da aglutinação grupal, acumulam-se de preferência homens, seres-forças, ao invés de bens regulados pelo valor de troca.

99- Assim, ao descrevermos a concepção de AXÉ, queremos evidenciar que a vivência numa comunidade de candomblé e a relação com os deuses se diferenciam da visão proselitista, cristã e branca que norteia toda a política militante do PT no Brasil.

100- Os negros e seus descendentes, e, mais especificamente, os iniciados das comunidades de candomblé, têm uma contribuição a dar para a política de contestação e superação dos valores dominantes da sociedade. Isto se evidencia na educação de AXÉ. Ou seja, a vivência comunitária e a inexistência de proselitismo proporcionam uma outra forma de se relacionar com o mundo. A educação de AXÉ se expressa de forma integral.

101- Nesta concepção, podemos afirmar que o sagrado é ao mesmo tempo transcendente e imanente no indiví-

duo. Portanto, a força de impulsão do sistema nagô é a relação harmoniosa indivíduo - grupo - cosmo, que só se adquire através de um profundo respeito pela vida, o respeito por tudo que é vital.

102- A comunidade é absolutamente fundamental para todos os seres humanos. Dessa forma, educação de AXÉ significa o diálogo entre os seres, a consciência de que para fortalecer o AXÉ é preciso estabelecer relações complementares, aprender sempre com todos, evitar a intolerância e a presunção, entender que os saberes, assim como os orixás, são complementares uns aos outros.

103- Esta perspectiva nos demonstra que na cosmologia afro-brasileira o principal elemento é o AXÉ, a afirmação da vida. E nessa dimensão simbólica e concreta das comunidades, o proselitismo é dispensável.

104- Além disto, o proselitismo passa a ser dispensável na medida em que essas comunidades se utilizam de um potente recurso de resistência aos ataques discriminantes e ao mesmo tempo de manutenção da coesão e harmonia de grupo: *a sedução*.

105- Queremos evidenciar este elemento da cosmologia afro-brasileira quando se afirma: *"a cultura negra é o lugar forte de diferença e de sedução na formação social brasileira. No ritual, nos gestos, os cantos, o ritmo, a dança, as comidas, todos os elementos simbólicos, se encadeiam sem relação de causa e efeito - não há um signo determinante."*

106- Diferente do que o ocidente busca em seu relacionamento com o real - uma verdade universal e profunda -, a cultura negra é uma cultura de aparências. *"Aparência não significa aqui engano, mas tudo o que seduz o falante e o ouvinte. O modo de fazer aparecer uma coisa melhor que a outra."*

107- Nesta ótica, seduzir significa desviar alguém ou algo de uma finalidade, de um caminho. *"A sedução é o que tira ao discurso seu sentido e o desvia de sua verdade."* Assim, os signos sedutores da cultura negra *"são intensos exatamente porque não significam nada - na ótica ocidental - , como na música, no ritual, que têm mais a ver com algo que se poderia chamar de sedução do que com produção."*

108- A imprevisibilidade, para as classes dominantes, da permanência da cultura negra na diáspora se deu nesta resistência também sedutora, pois os terreiros promoviam o entusiasmo, a alegria de grupo, o segredo (que o colonizador não decifrava, pois sua lógica finalística de mundo não o permitia), enfim, um território de prazer. Mas não apenas os terreiros: também a capoeira, a literatura de cordel e o carnaval, que se expressaram como jogos de resistência e coesão de grupo.

109- O negro reconhece o real na forma da alegria: o ritual comporta tensão, mas implica principalmente júbilo intenso. A alegria se define pela aprovação irrestrita do real, do cosmo; é um sentimento intenso de prazer diante do real, da vida singularizada, num aqui e agora. *"Ela prescinde de legitimações externas, seja de uma idéia transcendente, seja de um ser originário. É com tal sentimento do mundo que se dribla a universalização das coisas"*.

110- A cultura negra apropriou-se do jeitinho, como num jogo - um jogo dos menos fortes. Mas não um jogo infeliz, que incite à depressão ou à passividade. É algo que surge da atividade e da alegria de jogar com o singular, com o instante.

111- *"O terreiro contorna o sentido ocidental do fenômeno político. O limite que ele traz é o do ritual, este operador de encantamento e sedução."* O elemento negro consistiu em ter vivido uma estrutura dupla, em ter jogado com as ambigüidades do poder, e assim, ter podido implantar instituições paralelas.

A sedução da cultura negra não tem nada a ver com a tecnologia da política (como os jesuítas, os pentecostais, a esquerda), porque se inclui na dimensão mais ampla do encantamento ritualístico e da solidariedade comunitária.

112- No Brasil, a sedução negra faz parte inicialmente da estratégia de resistência por parte de um grupo militarmente fraco. No período da escravidão (e ainda hoje), se ativava em consciência de causa esse remédio capital contra a depressão: a pequena alegria, a alegria da assistência mútua, a vontade de mutualismo, o cres-

cimento de um sentimento de comunidade.

113- O que a esquerda atualmente não trabalha, no seu cotidiano, é este elemento sedutor, que não significa de modo algum a instrumentalização das subjetividades sem conteúdo político, mas a união entre o lúdico (produção de desejos utópicos) e o espírito crítico, a vida, sentida no cheiro, no corpo e no olhar, e a razão, a fome de beleza e a fome de pão, a fé e a consciência histórica. Isso nos demonstra que a disputa puramente proselitista, baseada na razão iluminista, é insuficiente diante de uma classe dominante que utiliza os mesmos recursos proselitistas da esquerda mas que, por sua vez, é extremamente sedutora.

114- Isto significa, por exemplo, que no contexto contemporâneo o consumismo é o consumo do prazer. Este consumo é explicado e criticado pela esquerda somente como se os indivíduos fossem vítimas manipuladas pela grande mídia. Não se percebe que as classes dominantes se utilizam do prazer, da vontade utópica dos indivíduos (expectativas de prazeres) de melhoria da existência (através da produção de desejos), para canalizarem os seus valores de conservação da realidade. E isto se dá na dimensão subjetiva da produção do individualismo e de seu radicalismo: o narcisismo. Para a retórica das classes dominantes, não se trata de demonstrar o real, mas de convencer, persuadir, seduzir. Uma vez mais, porém, são os efeitos da sedução o que importa.

115- Enfim, as classes dominantes utilizam um reecantamento instrumental do mundo, o uso alucinatório da cultura, que deve funcionar como um sistema de integração, de pacificação dos conflitos, de desestruturação das identidades sociais. As pessoas devem aceitar que são predominantemente consumidoras e que a situação do consumidor é, como identidade, mais forte do que o auto-reconhecimento como produtor.

116- Enfim, do que foi exposto até agora, fica evidente que esta interpretação da cosmologia do candomblé contribui para repensar práticas e concepções políticas na esquerda, inclusive no PT, no sentido de que, através de elementos ritualísticos, comunitá-

rios e da interpretação mística do mundo, a visão de mundo de origem africana põe em discussão a inexistência de elaborações teóricas da esquerda no pensar as subjetividades como um fator de disputa de hegemonia na sociedade. Ou seja, os setores dominantes hegemonizam a sociedade trabalhando também de forma eficiente as subjetividades em seu favor, enquanto a esquerda só prioriza os espaços coletivos, sindicatos, associações, etc. 117- Acreditamos que os ensinamentos dos afro-descendentes não caminham somente em uma direção, ou seja, que o AXÉ cultivado pelos mesmos possa ensinar muito aos petistas; mas também os petistas podem ser ouvidos no interior das comunidades, para que estas conheçam o espírito revolucionário daqueles e levem mais em consideração o potencial sedutor dessa cosmologia, no sentido de resistir à tentativa de massacre e extermínio que as culturas e visões de mundo proselitista e ocidental tentam impor às culturas milenares dos afro-descendentes.

118- Assim, para compreender Exú é necessário compreender que, na cosmologia africana, EXU representa o aspecto dinâmico do existir. Ele nos questiona permanentemente, ao revelar-nos que o mundo é produzido e que pode ser produzido de maneira diferente. Ele nos indaga de nossas utopias e esperanças, conduz o AXÉ e nos mostra a fragilidade de nossas tentativas de criar sistemas e estruturas definitivas, onde a vida fica limitada e sem horizontes. Como princípio dinâmico, é o não-ainda-possível.

119- Podemos concluir então que a herança das culturas milenares do passado africano, suas cosmologias, mitos e histórias, não significam necessariamente visões ultrapassadas ou conservadoras. Mas podem representar uma das *referências utópicas para a superação da crise da esquerda no Brasil, para o combate aos valores opressivos e discriminantes das classes dominantes e para a revitalização utópica e revolucionária do socialismo.*

Balanço da secretaria e construção partidária

um canto de revolta pelos ares,

*no Quilombo dos Palmares,
onde se refugiou..."*

(Paulo César Pinheiro)
"Canto das Três Raças"

120- A questão racial, no Partido dos Trabalhadores, historicamente esteve ligada a atuação de alguns militantes negros e negras dentro da Secretaria Nacional de Movimentos Populares. Convocados em determinados momentos para referendar as ações do partido no que dizia respeito ao preconceito e à discriminação racial, esses militantes acabavam por assumir sozinho tarefas que deveriam ser coletivas do partido como, por exemplo, a elaboração de propostas para os planos de Governo nos anos eleitorais.

121- Esse quadro começa a se transformar a partir de maio de 1995. Durante o Seminário Nacional "O PT e os Movimentos Sociais" realizamos uma plenária com a presença de mais de 50 militantes do movimento negro de diversos estados do país, onde fizemos um documento defendendo, entre outros pontos a realização de um Encontro Nacional de Negros e Negras do PT, para discutir nossa organização enquanto militantes petistas. Este documento foi apresentado durante o Seminário a secretária nacional de movimentos populares, Sônia Hipólito e ao Lula, então presidente do partido. Os dois se comprometeram com a sua realização e foi tirada uma comissão para implementação do Encontro.

122- Em julho de 1995, realizou-se na Escola Sindical 07 de Outubro o 3º Encontro Nacional de Negros e Negras do PT. Na ocasião a discussão central foi qual deveria ser a nossa forma de organização dentro do partido, saindo dali a proposta de criação de uma Secretaria Nacional de Combate ao Racismo, a ser dirigida por um(a) secretário(a) e um coletivo eleitos em Encontro do Setorial. Essa proposta deveria ser aprovada no Encontro Nacional do PT. No 10º Encontro Nacional do Partido dos Trabalhadores, realizado em Guarapari, a proposta foi aprovada por consenso na euforia dos festejos de "300 anos de Zumbi dos Palmares", sem maiores discussões.

123- Em janeiro de 1996 realizou-se o 4º Encontro Nacional de Negros e

Negras do PT, onde foram eleitos o secretário e o coletivo, tendo como principal tarefa estimular a organização de Secretarias Estaduais e Municipais de Combate ao Racismo, estabelecer canais de comunicação entre o partido e o movimento negro organizado, definir propostas para atuação coletiva do partido no combate ao racismo e ao preconceito racial, entre outras.

124- Em 1997, quando realizamos o 5º Encontro Nacional de Negros e Negras do PT, apesar das deficiências apontadas, havíamos avançado na nossa organização: existiam 10 secretarias estaduais de combate ao racismo em funcionamento e tantas outras municipais, contamos com a participação de 15 estados e tínhamos um balanço positivo da atuação no geral da Secretaria.

125- Hoje, às vésperas do nosso 6º Encontro, vemos uma desorganização geral na base da Secretaria, consequência da política implementada nos últimos dois anos de sua gestão, onde o que tivemos foi uma reprodução do modelo político majoritário em nosso partido. Sua implementação teve início na composição do último coletivo, quando a eleição em separado do secretário e do coletivo acabou por quebrar a proporcionalidade das chapas na direção da secretaria. Isto acabou por afetar a proposta de construção coletiva em que se baseava o trabalho da secretaria até então, passando a seguir a lógica de direção da maioria, tão comum hoje no partido.

126- A intervenção da Secretaria Nacional de Combate ao Racismo, no que tange as questões partidárias não se efetivou. Mesmo o GT Eleições, que deveria atuar no que foi o momento mais importante do partido nesta última gestão, limitou-se a escrever documentos que não saíram do papel. A secretaria não teve a menor ingerência na atuação do partido para elaboração do plano de Governo.

127- Chegamos a este Encontro com a participação de 09 estados, sendo que regiões que historicamente têm um movimento negro organizado forte não fizeram seus encontros para participar do setorial a nível nacional, como: Maranhão e Bahia. O número de delegados, cerca de 120 (cento e

vinte), representando os estados que realizaram encontros estaduais, não reflete a realidade de nossa base organizada no partido nesses estados. Pois, a dinâmica que vigorou nesses encontros foi a mesma que vem crescendo em força dentro do Partido dos Trabalhadores, que privilegia a lógica da quantidade de pessoas votando em detrimento da implementação de uma discussão de qualidade quanto ao nossa construção e investimento na nossa organização.

128- Por conta das análises políticas e socio-econômicas efetuadas com os dados e estudos estatísticos que é necessário repensarmos nossa organização enquanto secretaria de combate ao racismo do partido dos trabalhadores.

129- O partido dos trabalhadores, desde o momento de sua fundação, contou com a participação das negras e dos negros enquanto trabalhadores e trabalhadores responsáveis pela produção de riquezas neste território a partir de sua invasão dos europeus, já no início de sua escravização, bravos e bravas guerreiras lutaram em defesa da liberdade, contrapondo-se ao modelo imposto pelo sistema racista e excludente.

130- Desta forma, acreditamos ser possível ampliar nossa ação política na luta contra a discriminação racial como também ao concretizarmos uma direção colegiada, possibilitar um crescimento quantitativo e qualitativo da nossa organização através dos dirigentes responsáveis pelos encaminhamentos definidos coletivamente levarmos aos mais longínquos espaços onde o PT estiver organizado a nossa discussão.

Outubro de 1999

São Paulo - Sebastião Arcanjo, Vereador e Secretário Municipal de Combate ao Racismo de Campinas; Rita Gonçalves, Vereadora do PT/Indaiatuba; Rochinha, Vereador do PT/Vinhedo; Roberto Viana, Coletivo Estadual de Combate ao Racismo; Gilberto Salles, Secretaria Municipal de Combate ao Racismo de Mauá; Milton Barbosa, MNU; Luci Crispin, MNU; Carlos Roberto de Oliveira, DM/Campinas; Maria José Cunha, Grupo de Mulheres da Periferia/Campinas; Gilson Nunes Vitório,

"Fala Negão"; Lajara Janaína, Maria de Fátima Silva e Cleusa Aparecida da Silva, Com. Mulheres Negras "D. Laudelina de Campos Mello", Campinas; Edmilson de Souza, PT Guarulhos; José Luiz dos Santos, Josias Cirino Alves e Adriano Bueno da Silva, Movimento Hip-Hop Campinas; Mario Cesar Arcajo, e Gervásio José Antonio, SINDAE-Campinas; Regina Lucia, MNU e Coletivo Estadual de Combate ao Racismo; Inácio Teixeira Neto, Cinira Ferreira de Moraes;

Minas Gerais - Carlos Calazans, Wagner Xavier, André, Adria e Denise, Paulo Azarias, Marilda Simeon, Valmir Cristino, Mauri Paulino, Vera Paulino, Antonio Luis da Silva, Amauri Campos Marques, Magal, Evandro Benito Marques, Luísa, Silvana Angelo Ferreira, Sandra Maria da Silva, Silvana Costa Gomes, Jackson Cosme de Santana, Jussara Felizardo, Samuel Alves, Valdemar Calado.

Rio Grande do Sul - Edson Portilho, dep. estadual; Jorge Sena, Juventude Negra; Jorge Nascimento, Qener Chaves e Gilson; Ubirajara Toledo, Paulo Roberto Leboltt e Henrique Lessa.

Rio de Janeiro - Jorge Carneiro, Dir. Nac. PT; Luciene Lacerda, Secr. Est. Combate ao Racismo do PT; Luiz Fernandes e Maria Cléia Diniz; Janaína Gomes Moreira, Juliana Gomes Moreira, Márcia "juventude negra", Vinícios Gomes Wu, Mariano Rosa Júnior, Paulo César Anastácio, Beth Viana, Lúcia - Nova Iguaçu.

Espírito Santo - Neusa Tito, Rosalba Lima, e Paulo Cesar Bernardes, sindicalistas.

Paraná - Almira Maciel, Secr.Est. Combate ao Racismo do PT.

A CONTRIBUIÇÃO PARA O DEBATE SOBRE A ORGANIZAÇÃO DA JUVENTUDE NEGRA NO PT

Juventude Negra, não basta aceita-la tem que investir

Conforme análise feita pela pré-tese O Combate ao Racismo no II Congresso Nacional do PT, as mazelas aprofundadas com a intensificação do projeto neoliberal numa escala global, fazem com que o cenário da realização do II Congresso do PT, não se diferencie do cenário da realização do I Congresso, em 1991. Lamentavelmente o que se observa nos dias atuais é cada vez mais um Estado ausente das áreas fundamentais para população, ou seja, da saúde, da educação, da moradia, do emprego, etc., pontos básicos que um ser humano necessita para se sentir um cidadão pleno de direitos e deveres.

Verificamos que o acirramento entre classes é cada vez mais latente e, desse acirramento, a classe detentora apenas da sua força de trabalho, o operariado, sofre as piores consequências que a história já registrou. A burguesia se esconde dentro do seu mundo monopolizador da riqueza e do poder, usando a tecnologia de maneira irracional para se manter no mercado capitalista concorrencial, não se privando de fechar postos e mais postos de trabalhos, para aumentar os seus lucros.

A juventude negra, surge nesse cenário, sem perspectiva de melhora de vida, com o atual governo federal. Num cenário totalmente adverso, sua realidade é totalmente diferente da juventude "cara pintada", tão aclamada no processo tira Collor e que representa, hoje, a juventude do PT.

É preciso que a juventude, como um todo, seja representada pelo partido, não ficando restrito apenas a políticas do movimentos estudantil. Não que essa discussão não seja importante, porém o partido tem que representar, de forma abrangente, todas os anseios que a juventude aspira, e que

estão organizados nos mais diferentes setores da sociedade: hip-hop, sindicalista, rural, pastoral, etc.

A juventude negra tem a realidade de não estar nas escolas, e quando chegam a cursar algumas séries, o sistema nos obriga abandonar logo nos primeiros anos. Com essa realidade, muitos pesquisadores levantam teses, até de mestrados, que a população negra não está apta ao ensino intelectual.

Na realidade, somos obrigados a largar a escola para ajudar no orçamento de casa. Ainda crianças, iniciamos nos serviços ambulantes: vendendo balas nos sinais de trânsito, sendo engraxates, tomando conta de carros. Em seguida, tornamos praticamente responsáveis pela casa junto com nossas mães, que na maioria das vezes foi abandonada pelo companheiro com filhos para criar. Com tais adversidade, é praticamente impossível conciliarmos tantas atividades com a escola. O sistema educacional não se preocupa em resgatar aspectos da identidade negra. Nossas histórias são retratadas de forma estereotipada e deturpada, não se faz referência do nosso líder Zumbi. A resistência e luta do povo negro contra a escravidão e todas as formas de opressão, quando é passada, é de forma superficial.

Paralelo a isso, merece destaque, também, o ponto em que a pré-tese "O Combate ao Racismo no II Congresso do PT" coloca que a juventude negra não está no mercado de trabalho formal. Pois com o insuficiente processo de formação técnica(educacional) as dificuldades para enfrentar o mercado de trabalho são imensas.

Como já foi colocado acima, a automação no processo de produção das empresas está liquidando com vários postos de trabalho. Podemos citar um exemplo dessa perversa realidade, a automação do sistema de transporte público coletivo de passageiros que vem ocorrendo em diversas cidades brasileiras. Segundo o DIEESE está acarretando na dispensa de um expressivo número de cobradores, representando mais de 40% do universo de empregados nesta atividade. A juventude negra sofre consequência direta de tal processo. Somos barrados também, no quesito

boa aparência, que na realidade brasileira, isso que dizer: cor branca com cabelos lisos(tal afirmação explica porque nossos rostos negros não estão, por exemplo, nas boutiques dos shopping).

Mesmo dentro das esquerdas brasileiras o racismo ainda é considerado uma questão de classe, ou seja social. Com essa preocupação, resgatamos um trecho do texto produzido pelo GT de Juventude Negra, na realização do II Seminário Nacional da Juventude Negra do PT, em agosto de 99: " *A SNCR quer demonstrar que a questão racial não se desvincula da questão sócio-econômica. Pois é sabido que a simples ascensão sócio-econômica não elimina o racismo e o preconceito. Vivemos numa sociedade onde o valor das pessoas é atestado mais pela sua aparência do que pela sua capacidade*"

Também é abordado na pré-tese, a questão da violência em relação a juventude negra. Tentando aprofundar mais um pouco, verificamos que essa triste realidade está cada vez mais presente na vida dos jovens, principalmente na da juventude negra. As estatísticas comprovam que os órgãos de segurança pública no Brasil, numa herança histórica, sempre tratou diferentemente os jovens negros e brancos. A juventude negra é alvo de grupos de extermínios e de policiais despreparados, principalmente, nas periferias dos grandes centros urbanos. Só para exemplificar, dos jovens e crianças assassinados no Brasil, 75% são negros.

Como uma das alternativas, para trabalharmos a juventude negra da periferia e mudarmos tal cenário, surge o movimento hip-hop, que expressa sua arte através da dança, da música e do grafite. Suas letras retratam e contestam a realidade dos que estão a margem da sociedade num apelo por igualdade e justiça social. Tal movimento é de extrema importância para que possamos fazer uma ponte, entre o partido e os excluídos do sistema, para trabalharmos com aqueles que não conseguem fazer uma distinção entre os partidos de esquerda e de direita, e que colocam, num grande caldeirão, todos os políticos.

Estamos vivendo numa constante mi-

séria, na barbárie do trabalho precoce, da repetência e da ausência da escola, na violência, no desemprego que persistem na nossa realidade com um esforço da sociedade e do Estado, tornando-se um país dual, onde se conflitam estratégias de clientelismo com as de cidadania. Onde o direito da criança e do adolescente, não sai do plano teórico do Estatuto.

Uma nova discussão surge em torno da resistência da juventude negra, que conquista seu espaço na arte, mais precisamente na música, e nos esportes provando que mesmo com a ausência do Estado na interferência nas formas de ascensão social, o jovem negro, com seu potencial, tende a alcançá-la, pois as barreiras de segregação racial existentes no processo educativo e no mundo do trabalho mantém o racismo histórico proveniente da escravidão.

Precisamos trabalhar a juventude negra junto ao Partido, mobilizando e conscientizando, para juntos continuarmos num processo contínuo de construção do Partido dos Trabalhadores. *"A juventude negra, integrante dos diversos espaços partidários, começa a ter uma forma própria de reunir, levando em consideração a especificidade da cultura do povo negro. A permanência e a constante melhoria desta forma de organização é uma meta a ser alcançada quando nos propomos reunir os jovens negros, para discutir o PT e a sociedade brasileira."*

Temos certeza, como foi levantado na pré-tese, que é impossível ter transformações estruturais na sociedade brasileira sem o tratamento devido da questão racial. Necessitamos de políticas de profissionalização de geração de emprego, de distribuição de renda, enfim, adoção de um novo modelo de desenvolvimento para o Brasil. Continuar tratando a questão racial como assunto de 2º plano é persistirmos na manutenção de uma sociedade desigual que afeta diretamente a juventude negra.

(Contribuição da companheira Fabiana da Silva/MG, do GT Nacional Juventude/SNCR. Texto publicado no quarto Caderno de Teses para o II Congresso de Setembro/99)

AS RELAÇÕES SÓCIO-RACIAIS E A EDUCAÇÃO NO BRASIL

(Este texto está sendo apresentado como uma introdução para o início da discussão sobre o tema na Secretaria Nacional de Combate ao Racismo e no PT)

O que é possível fazer?

Em tempos de globalização, temos que estruturar os objetivos da educação a partir de novas políticas capazes de traduzir uma visão pluriracial da sociedade, divulgar um modelo de sociedade mais humanista, o respeito aos direitos e a especificidade histórica dos povos.

Assim, estaremos deixando contribuições importantes para as gerações futuras

Um novo olhar, do ponto de vista pluriracial, deve atender ao indivíduo no campo social e no campo individual, na medida em que o indivíduo social busca na educação a garantia de sua identidade e no campo individual ele busca a (re)construção de sua capacidade humana, o seu desenvolvimento intelectual e afetivo. Com a fusão desses dois campos é possível construir preceitos fundamentais que oriente a elaboração dos novos currículos, do fazer pedagógico a relações da escola-comunidade-mundo.

Para tanto se requer mais do que dar formação e informação sobre história e cultura da matriz africana, é necessário o envolvimento de todos — os administradores do sistema de ensino, professoras (es), o alunado, coordenadoras(es), os diretoras(es) — com disposição compartilhada e como agentes de combate à discriminação e ao racismo, desconstruir a lógica do conhecimento, da ação e simbologia eurocentrista que oprime, oculta, inferioriza e infantiliza os afro-brasileiros. Segundo Petronilha Beatriz, tais conhecimentos não devem ser substituídos, mas recusados e transformados para desempenhar um novo fazer pedagógico, onde a herança humana baseada na diversidade seja o fio condutor dos argumentos, reflexões, projetos dos agentes no combate à discriminação e ao racismo na escola.

É preciso desconstruir a dimensão

social, histórica e cultural do racismo.

O reverso da moeda do eurocentrismo é vivenciar a condição pluriracial da sociedade brasileira de maneira democrática. Para atingir este estágio é necessário abandonar o velho preconceito para verificarmos se existe entre nos uma singularidade, a de negar o preconceito, a discriminação e o racismo. E, principalmente, se esse modo de ser marcante é uma construção social engendrada pelo fenômeno da miscigenação e do mito da democracia racial.

Via de regra, quando o assunto é o racismo a população negra, normalmente o brasileiro reage com indiferença e costuma negar a existência do fato. É o preconceito de ter preconceito. É a indiferença. Normalmente, as pessoas acabam se desculpando diante do racismo, da discriminação ou da atitude preconceituosa. O argumento mais usual é que as coisas sempre foram assim e nada vai mudar. Se esse tipo de coisa ainda existe é pôr que os negros ocuparam, desde a escravidão, uma posição social inferior. Isso vem de geração em geração e não vai mudar. É melhor não dar importância a isso. O assunto não ultrapassa o estagio da polemica, visto que o debate ocorre com argumentos que mais justificam o posicionamento pessoal do que explica a dimensão social e histórica do racismo.

No plano pessoal tal comportamento explica a passividade diante do preconceito, da discriminação ou do racismo. A indiferença frente as desigualdades sócio raciais estimula o preconceito, conserva a atitude discriminatória e cristaliza o racismo. A atitude de indiferença não exige comprometimento com a solução do problema. A indiferença é a resposta possível e imediata porque ela explica no plano ideológico a adesão, consciente ou alienada, ao mito da democracia racial. Ao negarmos a nossa ação, intenção e capacidade de mudar essa realidade, estamos escondendo o mais importante. O fato de que o preconceito, a discriminação e o racismo serem uma criação histórica e cultural e como tal não existem pôr si mesmo, independente da nossa inici-

ativa. Ele só existe porque é legitimado e a sua superação depende da nossa capacidade de deixarmos de ser indiferentes e de procurarmos respostas concretas para a complexidade das relações sócio-raciais brasileiras.

É preciso desconstruir a lógica da exclusão.

Desde o inicio da nossa história, o trabalho da população negra brasileira tem sido uma das principais fontes de obtenção de riqueza, condição fundamental para o impulso e o crescimento do capitalismo.

Á população negra, quando aqui desembarcou, em 1550, foi imposta a condição de mão-de-obra escrava e o seu "patrimônio cultural" foi expropriado, ocultado e desprezado. A presença negra na América, neste 500 anos, foi mantida com muita luta no reverso da história.

O Movimento Social Negro, em uma ação desigual e combinada, vem atuando para resgatar e valorizar a participação do negro na história do Brasil e, insistentemente, vem buscando alternativas para minorar o legado da desigualdade sócio-racial.

Uma das tarefas do Movimento Negro tem sido a de quebrar a indiferença e reeducar a sociedade, demonstrando que aqui a "questão racial", isto é, o racismo é um componente estrutural e não, um problema dos e para os negros, mas diz respeito a sociedade como um todo.

Hoje, na era da economia globalizada, mesmo que na contra mão da história, se faz necessário estabelecer um novo elo entre o indivíduo e a sociedade. É preciso desconstruir a lógica da exclusão e criar um novo vinculo, a partir da ética, da solidariedade e da consciência entre as relações de classe, gênero e raça.

Compreender para desmontar as conexões entre globalização, educação e racismo

A globalização e flexibilização são palavras novas, agora traduzidas com apoio da ciência, com significado de qualidade total, reengenharia ou terceirização. Tudo isso se configura em um projeto mais amplo que reduz

e elimina postos de trabalho.

A educação é um importante fator de referência para a definição de quem entra e quem sai do mercado de trabalho. Os dados estatísticos anunciam o quanto os tempos atuais são desfavoráveis a massa trabalhadora negra. O que se ouve falar o tempo todo é que quanto menor a escolaridade maior o desemprego. Quanto maior o nível de estudo, o risco do desemprego é menor, e novamente se remete a culpa ao trabalhador, pela perda ou falta de emprego.

Esta é armadilha do sistema, para se livrar do ônus social, reverte a culpa do desemprego para as costas da classe trabalhadora. Esta explicação é parcial e isolada. O que se quer a bem da verdade é desviar a atenção e compreensão dos efeitos da modernização tecnológica que tem diminuído a necessidade de mão-de-obra, impõe a estagnação da economia interna, a ausência de política de investimento e acaba pôr reduzir drasticamente a contratação da massa trabalhadora.

O sistema de exclusão sempre lançará mão de artimanhas diferenciadas, seja racista, machista, regionalista, elitista, etc., para selecionar à sua conveniência a mão-de-obra e dessa forma divide-a em qualificada, desqualificada, estável, precária, juvenil, masculina, feminina, ocupação de brancos de negros e vai ficando cada vez mais evidente a exclusão da mão-de-obra negra do mercado sob a alegação de que o seu grau de escolaridade é baixo ou inexistente.

A construção de estratégias para desconstruir o racismo.

Hoje a mercantilização da educação avança na mesma proporção em que se des-politiza e o Estado neoliberal propõe mudanças na direção de romper com a lógica do direito à educação.

É neste campo que está o a maior desafio do(a) trabalhador(a) em educação, do sindicalismo na área educacional, dos movimentos sociais organi-

zados, pois têm a tarefa de (re)construir uma nova realidade cultural e educacional considerando as contribuições científicas das diferentes matrizes culturais e dos diferentes movimentos sociais para garantir o acesso e permanência de todos na escola pública de qualidade.

O PT, enquanto partido de esquerda acredita em ações que garantam a todos os cidadãos o direito a aprender e, portanto, o de acompanhar e interferir na educação escolar, como um processo mais amplo.

Cabe aí nossa inserção negra no processo de construção de política educacional do PT, legitimando as particularidades culturais e fortalecendo iniciativas que desconstrua o modelo eurocentrico hegemônico que despreza a diversidade e impossibilita a interação entre o sujeito e o objeto do conhecimento para os não brancos. Em uma ação conjunta entre o PNE, PCN's, temas transversais, movimentos sociais e com ações políticas propostas devemos (re)organizar os currículos na ótica pluriracial e desconstruir a legalidade de um currículo único, um mesmo livro didático distribuído nacionalmente e um único modelo escolar, pois a igualdade de direito não deve eliminar as diferenças ao contrário, incorporá-las.

O olhar crítico dos trabalhadores de educação, dos sindicalistas, dos militantes dos movimentos populares estão se unindo na luta em torno do eixo educacional mais plural não permitido o rompimento com o direito à uma educação de qualidade, universal, gratuita e laica. Este é o espaço publico freqüentado pela da maioria das crianças, jovens, adultos, pobres e negras. Os dados da CNTE- Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação- revelam que 95% das crianças negras estão na escola pública.

Assim, só resta aos movimentos populares, sindicalistas, trabalhadores em educação sair em defesa da escola pública e exigir que todos que nela ingressem permaneçam o tempo necessário.

Ações políticas no campo educacional são necessárias para se afirmar um novo fazer pedagógico que impulse a democratização das relações escolares como mediadora para demo-

cratização do saber, onde os currículos possam ser estruturados segundo princípios da diversidade ao mesmo tempo que possam ser trabalhados de forma interdisciplinar pôr professores no cotidiano escolar.

Vamos à luta pôr uma escola cidadã, onde todos ingressem, permaneçam e se apropriem dos conhecimentos necessários para sua existência. Só assim teremos uma sociedade justa e democrática.

(contribuição das companheiras Marilândia Frazão e Gevanilda Santos, do Coletivo Nacional Anti-Racismo da CUT e da Articulação de Mulheres Negras da Capital, Litoral e Interior de São Paulo. Texto enviado para debate no IV Encontro Nacional de Educação do PT)

A Força que está em nós

A força a qual se reportam os proponentes da tese Falta Axé no PT, traça o perfil de solidariedade do Candomblé e propõe reconduzir a esquerda sobre os signos africanos. (caderno quatro do PT II Congresso)

Contradição :

O Candomblé (oriundo de cultos de matrizes africanas - Yorubas ,Jeges, Nagôs -) nasceu como fonte de resistência e organização dos escravos no Brasil, que tiveram no culto aos Oriísàs a primeira articulação política possível, já que falavam idiomas distintos. Com o processo de luta e organização veio a repressão e nossa organização cultural passou a ser invadida Vários signos culturais nossos, foram apropriados pela civilização branca .

O Candomblé não é só religião ,é um dado cultural , é um modo de entender o mundo e o universo, a relação dos humanos com o divino.

Logo a fonte da transformação da sociedade pelos olhos nagôs(jeges,yorubas,bantos , etc) , não passa apenas pela religião e sim por uma outra visão de civilização . Esta civilização utiliza o respeito a diversidade e a formação de cada povo, sem hegemonia de cultura sobre o outra.

A visão sobre o divino sempre foi o paradigma da humanidade , * Epicuro foi um dos primeiros a tentar separar esta relação que tentava colocar na figura do Rei o representante de Deus. As religiões católicas e evangélicas trabalham com o limite do bem e ou mal, castigo e perdão, o Candomblé tem outra versão sobre o divino, como tal não trabalha com maniqueísmo, ele é dialético é um código de comportamento, é um dado que identifica cada componente do Continente Africano. Os Oriísàs são seres divinos que também não trabalham com os signos do Bem e do Mal, não são complementares, cada um tem uma função específica e estas funções compõem o encaminhamento das leis naturais do universo.

E aqui na terra(aye) seus filhos buscam conviver com esse equilíbrio e por esse entendimento, tem uma outra re-

lação com o "ser" humano.

Significa que **Ásè** além de força , significa a compreensão do universo do equilíbrio da raça humana vista através da ótica africana.

A partir deste ponto de vista a idiosincrasia que se possa ter em relação a esta civilização, envolve fatores econômicos / sociais e étnicos.

Neste ponto é bom reafirmar que não queremos a tutela da direita nos colocando no simples papel de religião e nem a condescendência da esquerda em discursos fáceis .

Como militantes negros, temos o patrimônio de sabedoria da África e devemos nos respeitar por isso e reaprender a importância da Civilização Negra das lutas, da resistência da tecnologia Egípcia, do modo de fazer política das tribos sul africanas.

E isso significa entender o universo africano como o berço em que devemos beber sem perder a perspectiva de que pertencemos a diáspora .

A nossa reflexão tem que ser mais profunda , temos que cortar na própria carne, temos que conter nossos egos e superegos e ver até que ponto podemos cobrar os outros sem cobrarmos a nós mesmos, não só na questão específica do Candomblé, mas na defesa intransigente dos nossos códigos de identificação.

É obvio que o que nos manteve vivos foi a tradição cultural, foram as ervas de nossas mães, as rezas etc...o que nossa geração tem feito para preservar nossa cultura , para manter e ampliar a luta herdada de nossos ancestrais .

O que fazer para combater a hegemonia e intervenção do dominador e apropriação de nossa cultura.?

Quantas casas de Candomblé temos com concepção negra , quantos negros militantes tem essa concepção explicitada (não irmãos de **ásè** , mas pelo menos entendimento da questão) ?

A nossa contribuição não pode ser mítica ou lúdica porque a Cultura Negra é real e o Candomblé faz parte desta cultura.

Não queremos a assimilação , queremos respeito.

Assim como em Palmares onde convíviam brancos, negros, índios e mouros,

a hegemonia não representava dominação , Zumbi ouvia, Zumbi comandava com princípio básico da sabedoria, não estávamos apenas sobre o signo da resistência e sim da luta. O objetivo básico era a busca da liberdade. E o culto aos Oriísàs existia nos Quilombos, e era entendido como um conselho de guerra.

A força do negro e a felicidade é guerra e enquanto usarmos chavões Globais , nosso axé será letra de musica, nome de banda , ou até o "Axé" bunda como tipifica um articulista da Folha de São Paulo.

Precisamos de respeito e de solidariedade, nossa força vem do coletivo do respeito ancestral, da disputa limpa nosso **Ásè nos imprime uma responsabilidade histórica**, a saga de nossos ancestrais não pode ser esquecida.

Falta força não é só na esquerda , entre nós também pela falta de compreensão da nossa própria força, e o poder que temos de transformar quando dialogamos e não nos destruirmos .

A nossa contribuição é na construção do novo até na qualidade de nossas relações e intervenções .

Pois nosso **Ásè** esta na luta contra as arbitrariedades e a exploração, em um novo modelo de sociedade que não traz o ranço das inquisições e a intolerância das dominações e da destruição de vários povos .

Nosso **Ásè** é a força motriz que faz com que sempre estejamos em pé, esta na força herdada de nossos ancestrais que deram a vida para manter nosso **Ásé**, que tem que ser protegido e preservado, é a nossa fonte de união não de divergência.

* (Epicuro, filosofo - A.C.)

Valquiria Kika - SP
Ebomi de Bessem
Sônia Regina de Paula Leite - SP
Dofona de Xangô.